



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE LETRAS  
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA

MARIA DA CONCEIÇÃO APARECIDA SILVA SANTOS

**AMOR E NILISMO EM PAIS E FILHOS DE IVAN TURGUÊNIEV**

BRASÍLIA

2022

MARIA DA CONCEIÇÃO APARECIDA SILVA SANTOS

**AMOR E NILISMO EM PAIS E FILHOS DE IVAN TURGUÊNIEV**

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras, no curso de Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Henryk Siewierski

BRASÍLIA

2022

À minha amada mãe Maria Zilda (*in memoriam*), pelas tripas e pelo coração.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu tio José Antônio, pelo apoio e amor.

Aos meus amigos, principalmente Ester e Thallyson.

Ao meu querido orientador Henryk, pela inspiração.

À Universidade de Brasília e ao Instituto de Letras, por todas as oportunidades.

*Agora desejo lhes contar, queiram ou não ouvir, porque não consegui me tornar nem ao menos um inseto. Afirmo-lhes solenemente que muitas vezes quis tornar-me um inseto. Mas nem isso mereci. Asseguro-lhes que ter uma consciência exagerada é uma doença, verdadeira e completa doença.*

*Fiódor Dostoiévski*

## RESUMO

O objetivo deste ensaio é analisar a dualidade entre amor e niilismo vivida por Bazárov, personagem principal do romance *Pais e Filhos* escrito por Ivan Turguêniev, além de suas manifestações e consequências a longo prazo. As histórias de Romeu, Werther e Hamlet serão retomadas a fim de elucidar o caráter danoso do amor e traçar seu *modus operandi*, tomando-o como uma espécie de criminoso que seduz e mata vítimas conscientes que o escolhem deliberadamente, sem pensar no amanhã. A recepção da obra pelo público da época será levada em consideração, traçando um percurso entre a história e o contexto social russo da época onde se criticava e rejeitava a existência do niilismo.

**Palavras-chave:** Amor; Niilismo; Turguêniev; Literatura russa; Bazárov.

## RÉSUMÉ

L'objectif de cet article est d'analyser la dualité entre l'amour et la nilisme vécu par Bazarov, protagoniste du roman *Parents et Enfants* écrit par Ivan Turguêniev au delà de ses manifestations et conséquences à longue du temps. Les histoires de Roméo, Weather et Hamlet seront mentionnées pour éclaircir le caractère dangereux de l'amour et parler sur son *modus operandi* en faisant comme un type de bandit que séduit et tue les victimes conscientes qui le choisissent délibérément sans penser à demain. La réception de l'œuvre sera amenée en considération en cherchant un parcours entre l'histoire et le contexte social russe à l'époque où on cristallisait et chassait l'existence du nilisme.

**Mots clés:** Amour; Nilisme; Turguêniev; Littérature russe; Bazarov.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>1. SOBREVIVÊNCIA FILOSÓFICA</b> .....	09
1.1 Turguêniev, obra e política .....	11
1.2 Contexto social russo .....	12
1.3 Do niilismo e outros males .....	14
<b>2. <i>MODUS OPERANDI</i> - CRUELDADE, REQUINTE E FRIEZA</b> .....	20
2.1 Werther .....	20
2.2 Romeu .....	30
<b>3. PAIS E FILHOS</b> .....	38
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	50
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	51



## INTRODUÇÃO

O amor inebria quem o sente e quem decide escrever sobre ele. A “dor que desatina sem doer” vem ganhando o público desde o início dos tempos. Há quem diga que Adão e Eva são o primeiro casal romântico a que temos referência. Seria justo afirmar que a Bíblia, carregada por suas fabulas e historinhas para amedrontar crianças, em toda sua (in)significância, consegue entregar uma história de amor intrigante. A cobra falando com Eva não intriga muito, pois podemos considerar sua figura como uma representação das tentações que enfrentamos quando assumimos uma relação, independente de sua natureza sexual ou não.

Schopenhauer (2000) defendia a existência de Werthers e Jacopo Ortis fora dos livros. O romance e, conseqüentemente, a desilusão, estão presentes assim como o ar está para a sobrevivência do ser humano. As obras dramáticas, sejam trágicas ou cômicas, têm como tema capital o amor entre os sexos. E nas melhores, tudo acaba em torta, nesse caso, acaba em morte. O amor e a morte conversam entre si. O amante que não foi correspondido busca alívio imediato e dramático. Goethe escreveu *Die Leiden des Jungen Werthers* em 1774 e após sua primeira publicação, o protagonista não foi o único a morrer por uma desilusão amorosa. Uma onda de suicídios de imitação começou a surgir e as pessoas usavam uma pistola e roupas parecidas com a do personagem principal.

Phillips (1974), alcunhou o termo efeito Werther referindo-se a este fato histórico. Entretanto, cabe ressaltar que o impacto do romance de Goethe nunca chegou a ser conclusivamente demonstrado.

Partindo pelo rumo contrário, o movimento niilista nascia no século XIX, na Rússia governada pelos czares. O niilismo praticado pelos russos era de vertente religiosa, rejeitavam a Divindade, a essência espiritual, a existência da alma, ideias, preceitos e quaisquer princípios absolutos. Tal movimento se concentrava na luta dos trabalhadores contra a opressão, as ilusões supersticiosas e as ideias preconcebidas.

Em 1862, Turguêniev publica sua obra prima *Pais e Filhos* e recebe em seguida diversas críticas. A trama gira em torno da volta de Arkádi, recém formado na universidade, para casa. Ele vem acompanhado por seu mentor, o estudante de medicina Bazárov. Ambos apresentam-se como niilistas. A personagem Bazárov foi uma figura de recepção extremamente polêmica por parte de todos os intelectuais russos do período. Segundo Berlin (1988), alguns segmentos da esquerda o consideraram uma representação horrenda do racionalismo ao negar a arte, outros reconheciam nele o fervor de seguir sua ideologia; por parte da direita, alguns acreditavam que Bazárov permitia que os novos niilistas se legitimassem e o odiavam por isso, enquanto outros o

apreciaram como uma representação fiel dos aspectos negativos da juventude.

Em seu livro *Lições de Literatura Russa* (1981), Vladimir Nabokov descreve a escrita de Turguêniev como uma manifestação simples, mas eficaz. Apesar de não considerá-lo um grande escritor, admite que ele escrevia de forma “bastante agradável”. Nabokov, igualmente polêmico, instiga a leitura das obras de Turguêniev elogiando sua habilidade em retratar a natureza e sua prosa “perfeitamente modulada e bem oleada”.

A literatura russa cativa pelo seu teor realista e mesmo quem nunca pisou em solo russo, sente o horror e a delícia de estar em São Petersburgo. O perfil psicológico que Turguêniev traça é de um estudante niilista que não se abalaria por nada, mas Bazárov conhece a maior maldição que o homem poderia vivenciar: o amor. E para sua desgraça, um amor que não é correspondido.

O objetivo deste ensaio é analisar a dualidade entre amor e niilismo vivida por Bazárov ao longo da trama e suas manifestações. A guerra interna do personagem representa inseguranças que nós mesmos vivenciamos e somos obrigados a definir qual a prioridade que o amor terá em nossas vidas.

O primeiro capítulo será destinado à apresentação do autor, bem como do niilismo, sua origem e o contexto social russo da época. Seguido pelo segundo capítulo, responsável por traçar um *modus operandi* do Amor. Utilizarei exemplos de personagens românticos, como Werther, Romeu e Hamlet, destacando o efeito do amor em suas histórias. O último capítulo será destinado a investigação da dualidade vivida por Bazárov, bem como os efeitos do amor na história de Árkadi e Bazárov, seguido pelas considerações finais e referências bibliográficas.

## 1. SOBREVIVÊNCIA FILOSÓFICA

### 1.1. Turguêniev, obra e política

Ivan Serguêievitch Turguêniev (Иван Сергеевич Тургенев) nasceu em 1818, na província de Oriol (no centro administrativo do oblast de Oriol). No seio de uma família abastada, viveu os primeiros anos de sua vida na propriedade rural da família. Presenciou nesse tempo, a injusta relação de poder entre servo e senhor. Sua mãe era conhecida pelo temperamento difícil e tirânico. Mais tarde, Turgueniev tentou interceder em favor dos servos que trabalham na propriedade da família, não só falhou como ficou sem mesada por conta disso. Após a morte de sua mãe, melhorou significativamente a vida dos camponeses e libertou todos os criados domésticos. Cooperando inclusive com a emancipação dos servos em 1861. Estudou um ano na Universidade de Moscou e cursou filosofia por três anos na Universidade de São Petersburgo, onde se formou em 1837. Posteriormente, começou a frequentar a Universidade de Berlim, entre 1838 e 1841. A Alemanha foi também palco do encontro que teve com Mikhail Bakúnin, no começo da década de 1840, figura que em parte inspirou seu primeiro romance, *Rúdin*, de 1857.

Em 1847, após a publicação do primeiro conto da série *Memórias de um caçador* (1852), Turguêniev ganhou notoriedade e a atenção dos críticos. O livro representa um marco do realismo russo, além de descrever o servo como um ser idealizado e superior ao desalmado senhor. Por defender o fim da escravidão e da monarquia, Turguêniev ganhou inúmeras inimizades que o fizeram, inclusive, ser preso na capital e posteriormente ser exilado por dois anos em sua propriedade.

Quando retornou, publicou seu primeiro romance, *Rúdin* (1857), seguido de *Ninho de fidalgos* (1859) e *Na véspera* (1860). *Pais e Filhos* foi publicado em 1862, um ano após a Reforma Emancipadora que provocou um forte impacto econômico e social no país. A escravidão dos camponeses chegava ao fim e surgia uma verdadeira ebulição política. O romance aborda o conflito moral entre os conservadores, fracos e incompetentes da década de 1840 e a nova geração revolucionária niilista.

A vida amorosa de Turguêniev foi protagonizada pelo triângulo amoroso em que esteve envolvido. Seu único amor foi Pauline Viardot-García, uma cantora lírica e compositora francesa que já era casada com o crítico e diretor de teatro Louis Viardot, que era vinte anos mais velho que ela. Turguêniev dedicou toda sua vida à Pauline, motivando a nova temporada

que passou na Europa, onde manteve contato com grandes nomes, como George Sand, Gustave Flaubert e Victor Hugo.

Apesar de seu relacionamento conturbado com a Rússia, o corpo de Turguêniev foi transportado e descansa no cemitério de Volkov, localizado em São Petersburgo, seguindo assim a sua última vontade.

## 1.2 Contexto social russo

*“Oh, meus irmãos! Eu disse a mais amarga verdade, mas sem amargor.”*

*Coleridge*

O reinado de Pedro I (1682-1725) marcou a história da Rússia em diversos aspectos. Um deles, porém, teve consequências mundiais: a relação do país com o Ocidente. Os russos tinham problemas em definir as origens de sua própria identidade e não tinham certeza sobre suas origens. Foi o czar do Czarado da Rússia de 1682 até à formação do Império Russo em 1721, continuando a reinar como imperador até sua morte.

A Rus' kievana era muito ligada à Constantinopla (Bizâncio), no Oriente, tanto cultural quanto economicamente. Posteriormente, no Período das Desordens, além de guerras civis e disputas palacianas, o país sofreu diversas invasões vindas mais do oeste, especialmente da Polônia. Isso aumentou o contato dos russos com os estrangeiros e, no período dos primeiros Romanov, houve um discreto aumento dos intercâmbios com o Ocidente.  
(SEGRILLO, 2013)

Pedro foi muito importante no processo de modernização e ocidentalização da Rússia. O czar acreditava que o país estava muito atrasado em relação ao Ocidente. Iniciando assim, um processo de ocidentalização forçada. As motivações dessa empreitada não partiram de uma admiração europeia, mas tinha como objetivo, adotar técnicas ocidentais para alcançar e ultrapassar aquele mesmo Ocidente (SEGRILLO, 2013).

O século XIX foi marcado por diversas reflexões crítico-filosóficas e fervorosas disputas sobre arte e realidade na Rússia. Uma rápida modernização econômica trouxe consigo o desenvolvimento da urbanização e industrialização do Império Russo. Ao mesmo tempo, o mundo enfrentava uma série de Guerras e Revoluções, incluindo o conflito entre russos e franceses, acerca da proteção de Jerusalém e Nazaré, em 1853, conhecido como Guerra de Criméia, o que causou grande violência e mortes.

A população russa se duplicou entre 1890 e 1914, passando de um milhão para quase dois milhões de habitantes (SEGRILLO, 2013). São Petersburgo foi um espelho que refletia as grandes transformações que a Rússia enfrentava depois de passar pela Guerra de Criméia, e posteriormente pela Emancipação dos Servos em 1861.

La ciudad de San Petersburgo ejemplificó la transformación de Rusia en las décadas posteriores a la emancipación de los siervos. A medida que avanzaba el siglo XIX, pasó de ser la capital administrativa con un puerto de mar, repleta de edificios gubernamentales y residencias aristocráticas, a ser un importante centro industrial con infraestructuras férreas y portuarias en continua expansión, además del antiguo sistema de canales. (BUSHKOVITCH, p. 227, 2016)

Após a morte de Pedro, o grande, os russos se dividiram entre seus admiradores e detratores. E durante o século XIX, essa divisão se fez clara entre os ocidentalistas e eslavos. Os ocidentalistas defendiam a herança do imperador: acreditavam que a Rússia era um país basicamente europeu e que, por isso, deveria seguir o desenvolvimento do tipo ocidental. Já os eslavófilos consideravam que a Rússia não era um país europeu ou asiático puro, e sim uma civilização única, com características diferenciadas tanto da Europa quanto da Ásia e que, por isso, deveria seguir seu próprio caminho (SEGRILLO, 2012). Petr Chaadaev publicou sua *Primeira carta filosófica*, em 1836. O filósofo critica o panorama cultural da Rússia e seu papel no mundo e demonstra o sentimento coletivo de questionamento da identidade dos povos da Eurásia.

Posicionados entre duas das principais partes do mundo, Oriente e Ocidente, apoiando-se em um ombro na China e no outro na Alemanha, deveríamos fundir em nós os dois grandes princípios da natureza espiritual — a imaginação e a razão — e combinar, em nossa civilização, a história do mundo inteiro. Mas tal papel não foi determinado a nós pela Providência [...] Solitários no mundo, não demos nada ao mundo, nada lhe ensinamos. Não introduzimos nenhuma ideia na massa de ideias da humanidade, não contribuimos para o progresso da razão humana. [...] Um dos traços mais deploráveis de nossa peculiar civilização é que ainda estamos descobrindo verdades já assumidas pelos outros povos [...] A razão é que nunca marchamos junto com os outros povos. Não pertencemos a nenhuma das grandes famílias da raça humana. Não somos nem Ocidente nem Oriente e não temos as tradições de nenhum deles. Colocados como que fora do tempo, a educação geral do gênero humano não nos alcançou (CHAADAEV, 2009 apud SEGRILLO, 2012, p. 12).

Em resposta, o Czar exilou o redator da carta, fechou a revista e declarou Chaadaev oficialmente como doente mental. A intelectualidade se dividiu em dois campos no debate que prosseguiu. Petr Chaadaev ainda publicou uma resposta a declaração de sua insanidade, mostrando-se ainda mais motivado a elevar os debates que propunha anteriormente e questionando a autoridade russa na época, que obtinha o poder de anular as declarações de um homem por julgá-lo mentalmente incapaz.

“Eu tampouco guardo rancor, garanto-vos, do caro público que por tanto tempo vestiu peles de cordeiro comigo; é com sangue frio, sem qualquer irritação, que tento fazer o balanço da minha estranha situação. Não é necessário, pergunto-vos, que eu busque descobrir, se puder, em que pé está junto aos seus semelhantes, junto aos seus concidadãos, junto ao seu Deus, o homem condenado à demência por uma sentença da justiça suprema do país?”.  
(CHAADAEV, 2020)

Essa luta de ocidentalistas contra eslavófilos é muitas vezes descrita no Ocidente como a disputa entre modernizadores e reacionários, mas há muito por trás disso. Vários eslavófilos lutaram pela emancipação dos servos russos, quase todos eles eram a favor da liberdade de imprensa e seus periódicos sofriam forte censura devido às suas críticas políticas (SEGRILLO, 2012).

A própria reação hostil do público ao ler *Pais e Filhos* demonstra a polarização que a Rússia vivia, as obras eram publicadas e corriam o risco de serem censuradas, além de o autor poder enfrentar sanções penais. Por mais que Turguêniev admirasse e se orgulhasse de Bazárov, os radicais diziam que ele era um homem acabado e que já tinha esgotado todo o seu talento.

Outrossim, havia um dilema existencial que era vivido pelos homens supérfluos. Os filhos da década de 1860 entraram em conflito com as ideias dos pais da década de 1840. Bazárov representa os “filhos” da década de 1860 que não acreditavam em nenhuma solução proposta pela sociedade russa. Rejeitavam a visão dos tradicionais senhores de servos anteriores, a visão dos eslavófilos e de seus próprios pais (SEGRILLO, 2012).

### **1.3 Do niilismo e outros males**

*"Aquele que luta com demônios deve acautelar-se para não tornar-se um também. Quando se olha muito tempo para o abismo, o abismo olha para você"*

*Friedrich Nietzsche*

Abordar o niilismo é uma tarefa difícil. Por vezes, o niilismo é tido como um problema que deve ser enfrentado com seriedade. Entretanto, não vamos chegar em um conceito único aqui, considerando as diversas vertentes e faces em que o niilismo pode se manifestar. Segundo Volpi (1999) o homem contemporâneo enfrenta uma situação de incerteza e precariedade, o caos reflete na vida e conseqüentemente, em nossa existência. Lembrando um andarilho que há muito caminha numa área congelada e, de repente, com o degelo, se vê surpreendido pelo chão

que começa a se partir em mil pedaços. Sem os valores e conceitos tradicionais, torna-se difícil prosseguir o caminho.

Existe o costume de julgar o que é diferente e desconhecido, sem que ao menos, seja dada a oportunidade de tornar-se algo reconhecido. Seja de maneira física ou comportamental. O ignóbil se contenta com coisas ignóbeis e exige que todos o façam. A vida do conformista se baseia em aceitar as mais miseráveis causas e modos que lhes são impostos e esperar que todos a aceitem também. Apaixonados pelo populismo, eles torcem o nariz quando escutam um discurso que vai contra seus ensinamentos e costumes. Que costumes!

As ideias antigas tentam perdurar na mente das pessoas através de dogmas. O mundo evolui e as pessoas lutam para continuarem com o mesmo pensamento, rejeitando o novo pensar e saber. O cristianismo aduz isso, uma vez que é composto por uma legião de adoecidos que sobrevivem às custas de ideias retrógradas e ultrapassadas. Por vezes, precisam que os outros aceitem também o deus platônico e idealizado que desvaloriza e nega a realidade. Tornando-se uma religião que espera um estado mental debilitado e frágil, principalmente de pessoas que já se encontram em um estado adoecido.

O cristianismo tomou o partido de tudo o que é fraco, baixo, malgrado, transformou em ideal aquilo que contraria os instintos de conservação da vida forte; corrompeu a própria razão das naturezas mais fortes de espírito, ensinando-lhes a perceber como pecaminosos, como enganosos, como tentações os valores supremos do espírito. (NIETZSCHE, 2016)

Nem a moral nem a religião, no cristianismo, têm algum ponto de contato com a realidade. Nada senão causas imaginárias (“Deus”, “alma”, “Eu”, “espírito”, “livre-arbítrio” — ou também “cativo”); nada senão efeitos imaginários (“pecado”, “salvação”, “graça”, “castigo”, “perdão dos pecados”). (NIETZSCHE, 2016)

Nietzsche foi o primeiro teórico a tratar do niilismo e propõe que “estamos cansados do homem”, e que essa seria a verdadeira natureza do niilismo. O homem sente por si mesmo uma aversão e pena de si mesmo. Sentindo-se esgotado e contradizendo a existência e a própria vida. Dostoiévski também tratou do tema em suas obras, um exemplo claro é a caracterização de Ivan Karamazov, em *Os Demônios*.

Nikolai Ivanovich Nadezhdin publicou em 1829, um artigo intitulado *A reunião dos niilistas*, onde os caracteriza como “os que nada sabem e de nada entendem”. M. N. Katkov também usou a expressão *niilista* para criticar os colaboradores da revista *Sovremiennik* (VOLPI, 1999).

A popularização do termo *niilista* pode ser devidamente atribuída à Turguêniev, apesar de não ter inventado a palavra em si, foi por meio de sua obra prima *Pais e Filhos* que o termo passou a ser usado com maior frequência. Segundo Turguêniev (1958), após o famoso incêndio

do Mercado Apraksinki, um conhecido enfurecido o abordou na rua e disse: “Veja o que seus niilistas estão fazendo! Estão pondo fogo em São Petersburgo”. Turguêniev tornara-se um espantinho detestável que não era mais levado a sério pelos russos.

Em *O homem revoltado*, Camus discorre sobre alguns aspectos que descrevem o niilista e do momento em que este percebe-se sozinho no mundo, visto que rejeitou todas as crenças, assumindo assim seu lugar no mundo. Partindo de uma abordagem histórica, Camus analisa o conceito de Revolta Metafísica de Epicuro e Lucrécio na antiguidade, a negação absoluta do Marquês de Sade e a revolta dos escravos liderados por Espártaco, além da revolução que deu origem a URSS.

O niilismo, que, no próprio seio da revolta, afoga então a força de criação, acrescenta apenas que se pode construí-la por todos os meios disponíveis. No auge do irracional, o homem, em uma terra que ele sabe ser de agora em diante solitária, vai juntar-se aos crimes da razão a caminho do império dos homens. Ao “eu me revolto, logo existimos”, ele acrescenta, tendo em mente prodigiosos desígnios e a própria morte da revolta: “E estamos sós.”  
(CAMUS)

Camus prossegue em seu ensaio buscando um entendimento dos sintomas da negação. Analisando a cultura ocidental e demonstrando alcance do niilismo também como justificativa para a erradicação da vida humana, através das ideologias totalitárias do século XX.

Se não se acredita em nada, se nada faz sentido e se não podemos afirmar nenhum valor, tudo é possível e nada tem importância. Não há pró nem contra, o assassino não está certo nem errado. Podemos atizar o fogo dos crematórios, assim como também podemos nos dedicar ao cuidado dos leprosos. Malícia e virtude tornam-se acaso ou capricho.  
(CAMUS, 2017, pp. 15–16)

O existencialismo é derivado do niilismo e sua presença é frequente na filosofia. Pode ser considerado como um outro “mal” que assola o homem porque sua manifestação pode ser particularmente dolorosa. Em *Notas do subsolo*, Dostoiévski traça o perfil de um “homem do subterrâneo” que narra toda a história e que não está morto, mas doente, como ele mesmo diz “Creio que tenho uma doença no fígado. Aliás, não compreendo absolutamente nada da minha moléstia e não sei exatamente onde está o mal” (DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 09). Um legítimo anti-herói que narra suas memórias individuais e que não tem o nome revelado em nenhum momento.

Na primeira parte da narrativa (que teria sido escrita em 1863), o personagem narrador faz um monólogo onde recorda não só fatos do passado, mas também divaga sobre questões filosóficas e morais, que lhe servem de polêmica e provocam polêmicas a um interlocutor



ausente. O discurso é feito de maneira íntima, como se a confissão estivesse sendo feita a um padre ou amigo muito próximo.

A narrativa de *Notas do subsolo* é marcada pelo forte sentimento de inferioridade. “Oh! Se eu não tivesse passado de um preguiçoso! Ter-me-ia respeitado a mim mesmo!” (DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 24) E da não adaptação do homem do subterrâneo e do isolamento social. “Agora vivo no meu canto, provocando a mim mesmo com a desculpa rancorosa e inútil de que o homem inteligente não pode seriamente se tornar nada, apenas o tolo o faz” (DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 24).

O homem do subsolo tornou-se autoconsciente de sua infelicidade, que é estritamente ligada à sua existência. O que o difere dos outros é o reconhecimento de sua miséria e insignificância perante ao mundo. O isolamento voluntário nos remete a figura do Zaratustra apresentado por Nietzsche. Em determinado momento, todo homem de intelecto valoroso se tornará obrigado a encarar a solidão.

Já na segunda parte, que fora publicada em 1864, há uma novela propriamente dita em que o narrador revela fatos de seu passado conflituoso e introduz outros personagens no relato. Se a primeira parte nos soa agressiva, com um ritmo frenético que se aproxima de um caso de neurose, e é recheada de polêmicas, a segunda parte é mais doce, mais leve com um tom quase folhetinesco e recheado de paródias literárias que por vezes beiram o patético, ao burlesco e ao caricatural. Em diversos momentos o narrador dialoga com o leitor, desdizendo algo que tinha acabado de dizer, prejudicando a confiabilidade passada em sua história.

Fui um funcionário muito ruim. Era grosseiro e tinha prazer em sê-lo [...] ora, sabeis, senhores, o que excitava sobretudo minha raiva, o que a tornava particularmente vil e estúpida? É que eu me inteirava vergonhosamente, mesmo quando a minha bÍlis se esparramava mais violentamente, que eu era mau homem, no fundo não era mesmo um homem azedo, e que tomava gosto, muito simplesmente, em assustar os pardais. [...] Menti antes, quando disse que tinha sido mau funcionário. Foi por despeito que menti. (DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 19)

Sua situação é deprimente, mas quando ele assume que tinha prazer em ser grosseiro com as pessoas, o julgamento do leitor passa a ser diferente porque ele parece menos “digno” de pena. Nem ele sabe se foi um homem realmente vil e mau funcionário, não há certeza de nada, um verdadeiro cenário existencialista.

O homem do subsolo é um indivíduo incapaz de agir, que tem como punição a própria humilhação, que se julga perseguido e assim, precisa se defender de um opressor inexistente. “O inferno são os outros! ”, afirmou Sartre, aqui o inferno torna-se o próprio eu-consciente. Em seus relatos podemos entender a dimensão da maldade desse tipo de “outro” e o quanto são insignificantes e débeis.

O subsolo da obra é o superconsciente psicológico, onde os homens que pertencem a esse espaço encontram-se presos por suas consciências hipertrofiadas. É claro então que estão perdidos, incapazes, inacabados, sentem a consciência como uma espécie de doença terminal, que aprisiona, que mata lentamente. Os homens do subsolo são homens reféns de si mesmos. São homens que estão enterrados dentro de si mesmo, cumprindo prisão perpétua. Obrigados a se olharem no espelho e saberem exatamente do que não são capazes, de todas as vezes que falharam e foram fracós.

O sofrimento! Mas é a causa única da consciência! Eu vos declarei, é verdade, no início, que a consciência, na minha opinião, é um dos maiores males do homem; mas sei que o homem a ama e não a trocará por nenhuma satisfação, seja qual for. A consciência, por exemplo, é infinitamente superior a “duas vezes dos quatro”. Depois de “, duas vezes dos” não resta evidentemente mais nada, não somente a fazer, mas mesmo a conhecer. (DOSTOIÉVSKI, 2018, p. 40)

*Huis clos*, é uma peça teatral escrita por Sartre que estreou em 1944 no Théâtre du Vieux Colombier, em Paris. Essa obra retrata o conflito de pessoas que têm que suportar a si e aos outros. O enredo é simples e em um ato conhecemos Estelle, Inês e Garcin. Há também a rara aparição de um criado. Os três personagens estão mortos e foram condenados ao inferno, mas este não se assemelha ao inferno de Dante ou ao inferno que Orfeu descera. O que chama atenção é o modo como esse lugar de castigo eterno é humanizado. Não existem aparelhos de tortura, fogo, cheiro de enxofre ou demônios por toda a parte.

Os condenados tinham a intenção de conviver em paz em meio ao rodízio infernal, respeitando o espaço de cada um e em silêncio, mas não poderia existir paz no inferno. E em pouco tempo as máscaras começam a cair. Estelle, assassina tão cruel quanto Medéia, ambas com as mãos sujas pelo sangue de seus próprios filhos, desespera-se por não poder ver a própria imagem, e diz: “Meu quarto de dormir tem seis espelhos grandes. (...). Quando eu falava, sempre dava um jeito para que houvesse um espelho que me pudesse ver. Eu falava e me via falar. Eu me via como os outros me viam, por isso ficava acordada” (SARTRE, 1977). A essência narcisista da jovem invade os quatro cantos do quarto em que estão confinados e sua frivolidade ganha destaque, mas não é a única.

Inês, por sua vez, tem como passatempo desmascarar as aparências que Garcin insiste em manter na vida após a morte: “Meu tesouro, você deve dizer que ele fugiu como um leão. Porque ele fugiu, o seu queridinho. E é isso que o atormenta” (SARTRE, 1977). Inês acaba tornando-se o carrasco de Garcin, e tortura-o lentamente com o olhar, e insiste em fazê-lo notar: “Mas lembrem-se de que eu estou aqui, olhando. Não tirarei os olhos de você, Garcin” (SARTRE, 1977). Com um passado atordoado e marcado por mortes, Inês tem que conviver

eternamente com sua paixão não correspondida por Estelle, que em contraponto, precisa das carícias vazias de Garcin para sentir-se amada e viva.

E finalmente, a única figura masculina do drama: Garcin, homem covarde que agride a própria mulher, e quando morto, tenta a todo custo ouvir o que os vivos dizem a seu respeito. O desejo de se passar por bom moço, de ser adorado e louvado não se desfaz nem após a morte. Garcin buscava em vida uma aprovação contínua e demonstrava ser o que não era, e como se mais nada pudesse piorar, estava fadado a suportar os olhares ferinos de Inês, a quem não podia enganar, uma vez que esta conhecia sua verdadeira figura, nem no inferno, o covarde Garcin poderia fugir de si mesmo.

A famosa frase dita na peça ecoa até os dias de hoje em nossas cabeças: “O inferno são os outros”. Diante dessa afirmativa, seria natural pensar que vivemos reclusos no inferno sempre, até mesmo, vivos. Entretanto, culpar o outro parece uma saída fácil para a resolução de todos os problemas. Seria o mesmo que afirmar: “Sim, eu sofro, mas a culpa é sua”. Os seres humanos estão condenados à liberdade. Assim o disse Sartre, *homo homini lupus*, assim disse Hobbes.

Sartre caminha pela filosofia de forma magistralmente impecável. Traz-nos na dramaturgia o ápice de seus pensamentos. E teatraliza os sentidos do sofrimento, aceitação e resignação em *Huis Clos*. Nesta peça, a náusea não é como a de Antoine Roquentin, não vem da luz amarela, mas sim das palavras vindas de outras bocas e do olhar incendiário alheio. A vida então, “é uma simples sombra que passa (...); é uma história contada por um idiota, cheia de ruído e de furor e que nada significa”. Essa ideia de sofrimento eterno já aparecera antes na obra *Dores do Mundo*, de Arthur Schopenhauer, que afirmava: “O mundo é o inferno, e os homens dividem-se em almas atormentadas e em diabos atormentadores”.

*Huis Clos* reafirma e relembra a miserável condição humana. Não é possível fugir de si mesmo, a existência não pode ser ignorada. Nem aqui, nem no inferno. E a figura do outro é responsável por esse lembrete, afinal, somos observados e julgados a cada instante, não é possível esquecer de quem somos. “A existência precede a essência”, assim julgou Sartre. Cabe ao homem os questionamentos naturais, “o existencialismo é um humanismo” porque precisamos da dúvida para existir, não se vive bem com tantas certezas, mas se deve cautelar com o excesso de dúvidas.

## 2. *MODUS OPERANDI* - CRUELDADE, REQUINTE E FRIEZA

*Modus operandi* significa modo de operação em latim. O famoso Ted Bundy abordava jovens em escolas, parques, fraternidades, universidades, e fingia estar com o pé ou o braço engessado, pedindo, então, ajuda à vítima para carregar compras ou livros até o seu carro. A estratégia de Bundy consistia em reproduzir uma imagem fragilizada e gentil para ganhar a confiança daquelas desconhecidas, posteriormente, abusava da boa-fé que tinha recebido para assassiná-las e estuprá-las. Ele não foi o único serial killer a utilizar esse tipo de estratégia.

Em criminologia, por exemplo, um *modus operandi* perfeito é aquele que assegura o sucesso do crime, protege a identidade do agressor e garante a fuga. Isso envolve o tipo de arma que vai utilizar, como chamar menos atenção, qual é a melhor forma de abordar a vítima, como limpar a cena do crime, como se desfazer do corpo e não deixar nenhum tipo de evidência e DNA nem levantar suspeitas. O maior problema que os investigadores enfrentam é que, ao longo do tempo, os criminosos vão ficando mais experientes, aprendem com os próprios erros e aperfeiçoam seu modo de operação. Ou seja, o *modus operandi* é algo que pode ser mudado e aperfeiçoado. (MOREIRA E BONAFÉ, 2022, p.140)

O *modus operandi* pode ser reutilizado, melhorado e não serve apenas para designar o comportamento de um assassino em série. O Amor possui artimanhas e induz pobres coitados a fazerem coisas inimagináveis. Da benevolência ao suicídio. A melhor história tem um desfecho trágico, cruel e que leva a paixão até às últimas consequências. Alguns comportamentos se repetem, mas para o romântico a sua história sempre será única.

### 2.1 Werther

*No quedará en la noche una estrella.*

*No quedará la noche*

*Moriré y conmigo la suma*

*Del intolerable universo.*

*Jorge Luis Borges*

A primeira impressão sobre Werther não dura muito. O rapaz se queixa de não ter culpa por enganar e alimentar falsamente as esperanças de Leonore. Declara-se “inocente” e logo depois questiona a própria inocência e se perde em devaneios. Mistura seus pensamentos com frivolidades e com recados que deveriam ser entregues a sua mãe. Werther elogia a solidão e diz que ela é “Um bálsamo para o coração”. Naquele momento, o estar só lhe era tão prazeroso quanto ler seu velho Homero. “Estou sozinho e feliz da vida nessa região, que foi criada para

almas como a minha. Estou tão feliz, meu caro, tão mergulhado na sensação de uma existência serena, que a minha arte acaba prejudicada” (GOETHE, 2015, p. 29).

Em *Dom Quixote*, o padre, o barbeiro, a ama e a sobrinha do Quixote protagonizam uma das cenas mais revolucionárias do livro. Os quatro se juntam na biblioteca particular do fidalgo para se livrar das más influências que o estavam enlouquecendo. Os livros de cavalaria eram a causa da loucura quixotesca, pelo menos, assim pensavam ao decidir incendiar os títulos. Werther também decide se livrar dos seus livros, pois seriam a causa de tirar-lhe do estado melancólico para o apaixonado obcecado.

Você pergunta se deve me enviar meus livros? Querido, peço-lhe pelo amor de Deus que me livre deles! Não quero mais ser conduzido, animado, estimulado, uma vez que este coração se exalta por si só; preciso de acalanto, e o encontrei em sua plenitude no meu Homero. Quantas vezes apaziguo o meu sangue revoltado com o canto de ninar, pois nunca se viu nada tão desigual, tão inconstante quanto este coração. Querido! Será que preciso dizer-lhe isto, você que tantas vezes carregou o fardo de me ver transitar da preocupação para o excesso e da doce melancolia para a paixão nociva? Também ajo com meu coraçãozinho como com uma criança doente; toda vontade lhe é concedida. (GOETHE, 2015, p. 31)

Werther demonstra um sentimento torpe perante outras pessoas. Questiona se existe algum problema específico com ele por não ter encontrado uma companhia, mas admite que a existência alheia lhe é completamente ignóbil. “É uma coisa única a raça humana. A maioria delas passa a maior parte do tempo empenhando-se em viver, e o pouco que lhes resta de liberdade as assusta tanto que procuram todos os meios para se livrar dela. Oh, determinação dos homens!” (GOETHE, 2015, p. 33). As outras pessoas tornam-se uma boa distração para ele, por disporem de uma vida simples e sem preocupações.

Quando me esqueço de mim, por vezes desfruto com eles das alegrias ainda concedidas aos homens, de sentar à mesa bem posta e me divertir de peito e coração abertos, de uma viagem a passeio, uma dança ordenada no tempo certo ou algo semelhante, tudo isso tem um efeito muito bom em mim; mas não gosto de lembrar que ainda repousam tantas outras forças em mim, todas elas apodrecendo sem uso, e que preciso ocultar com cuidado. Ah, isso oprime o coração de tal modo. E, mesmo assim, ser mal compreendido é o destino de gente como nós. (GOETHE, 2015, p. 33)

O forte aspecto existencialista de Werther é notado desde o início. Ele não questiona somente as coisas banais da rotina simplória. Chega a comparar a vida com um sonho que finda em nada, arrastando uma existência pobre e sem significado algum. Werther segue “sorrindo em sonho diante do mundo” enquanto o tempo passa e as coisas seguem acontecendo com ou sem interferência dele.

A vida dos homens ser apenas um sonho já ocorreu a muitos, e essa sensação também me acompanha. Quando vejo a limitação na qual estão trancadas as forças ativas e perscrutadoras do homem; quando vejo que toda a atividade desemboca em satisfazer necessidades que, de novo, não têm nenhum objetivo além de prolongar a nossa pobre existência; e depois, que toda a tranquilidade sobre determinados pontos da perscrutação é apenas resignação sonhadora, uma vez que se pintam com figuras coloridas e paisagens claras as paredes entre as quais estamos presos — tudo isso, Wilhelm, me emudece. Volto-me para dentro de mim e encontro um mundo! Mas esse mundo é mais suposição e anseio obscuro do que representação e força vital. (GOETHE, 2015, p. 36)

A resignação é descrita por Werther como a forma mais feliz de ser vivida. O simplório não perde tempo com coisas mais difíceis, vive rodeado de coisas frívolas e acaba por se tornar igualmente insignificante. Ignorante como uma criança que ainda não é capaz de se reconhecer no espelho e ignora totalmente os problemas da vida. Ele defende ainda que o amor deve ser vivenciado com moderação, dividido em horas de trabalho e de contemplação à pessoa amada. Apesar de dar excelentes conselhos ponderados, o próprio Werther se perde em seus próprios pensamentos e se esquece de dar continuidade a algo que estava falando, demonstrando pouco a pouco seu descontrole emocional e temperamento exagerado.

Até mesmo presenciar um homem falando de uma determinada mulher é tido como um grande acontecimento para Werther. Ele vê paixão nos olhos de quem não sabe estar apaixonado. Acaba sendo o portador das boas novas e poderia até chegar bem perto do indivíduo e argumentar porque ele está apaixonado e não sabe ainda.

Eu teria de repetir palavra por palavra para ilustrar a você a afeição pura, o amor e a fidelidade desse homem. Sim, eu precisaria ter o dom do poeta mais grandioso para, ao mesmo tempo, representar de forma vivaz a expressão dos gestos dele, a harmonia de sua voz, o fogo secreto de seu olhar. Não, não há palavras que expressem a delicadeza presente em todo o seu ser e em sua expressão; tudo o que eu poderia produzir seria apenas grosseiro. (GOETHE, 2015, p. 43)

Depois de ouvir o homem, a mente de Werther torna-se tão obcecada que ele até pensa em ir ver a tal mulher. A imagem esculpida por ele o persegue e o enche de desejo. Por fim, termina decidindo não macular a imagem que já tinha feito, decide ver a mulher pelos olhos do amante para que nada fosse estragado.

Os pequenos acontecimentos o afetam e causam enorme sofrimento. Sua alma é atormentada por pensamentos, figuras e pela alma em si. A existência lhe é custosa e cada respiro é dado com dificuldade até o momento em que acaba conhecendo Charlotte. A moça é descrita como um ser celestial. “Um anjo... Ora! É o que todos dizem de suas amadas, não?” (GOETHE, 2015, p. 44). Werther já a considera sua amada, já nomeia o que sente como amor apesar de ter conhecido a moça na noite passada e ainda acaba indo vê-la horas depois de ter chegado em casa.

Mesmo assim, não sou capaz de dizer-lhe como ela é perfeita, ou por que ela é perfeita; basta dizer que ela tomou conta de todo o meu pensamento. Tanta simplicidade com tanta racionalidade, tanta bondade com tanta firmeza, e a paz da alma em meio à vida real e prática. Isso tudo são bobagens vazias que falo sobre ela, abstrações ruins, que não expressam um traço sequer do seu ser. Em outro momento — não, não em outro momento, agora mesmo, vou lhe contar tudo. Se não fizer isso agora, não farei nunca mais. Pois cá entre nós, desde que comecei a escrever, já estive por três vezes prestes a largar a pena, a mandar selar meu cavalo e a cavalgar até lá. E mesmo assim, jurei hoje cedo que não sairia cavalgando; no entanto, vou até a janela a todo momento para ver se o Sol ainda está alto. Não resisti, tive de ir vê-la. (GOETHE, 2015, p. 44)

A ideia de sonho é retomada. Mas agora, Werther virou um sonhador que ama e não consegue assimilar a realidade, nem perceber a luz e música do ambiente porque está perdido em sonhos com Charlotte, pouco depois de conhecê-la, pouco antes de chegarem à festa em que estavam indo. Quando consegue dançar com ela, Werther diz que não é mais humano. Carregava nos braços o “mais encantador dos seres vivos”, sentia o ambiente todo desaparecendo enquanto dançava com Charlotte pela primeira vez.

Apesar de já saber que Lotte era comprometida, depois de escutá-la dizendo isso em voz alta, a desgraça de Werther começa a ruminar. Foi o bastante para que ele se esquecesse de si mesmo e que saísse completamente do eixo. Assim se iniciou o declínio de Werther.

Forçou-se a acreditar nas mais pequenas e insignificantes mentiras. Acreditou primeiro que até o tapa de Charlotte em sua cara era mais forte que a dos demais. Insistia em se apegar às menores coisas a respeito da moça, já que não tinha muito do que se gabar. Quando a escutava pronunciar uma palavra, debruçava-se em lágrimas de alegria. Apesar disto, assume sua condição triste e a proximidade de sua dor com a de um doente terminal, “Este meu coração que está pior do que muitos outros que estão definhando em um leito de morte” (GOETHE, 2015, p. 61).

Werther se coloca em uma situação vulnerável, assume até que gostaria de se jogar aos pés de Charlotte como “Um profeta que anulara as dívidas de uma nação”. Passa a viver em completa incerteza, sem saber se ela se virou ao se despedir, torturando-se com as mínimas possibilidades, inventando cenários que não existiam porque a realidade era preta e branca, Charlotte não demonstrava o mínimo interesse, por isso ele tinha que inventar tudo para manter viva toda a ilusão.

Mas enfim a confirmação surge. Werther passa a ter certeza do amor de Lotte porque viu em seus olhos. Ela não disse nada, não demonstrou interesse romântico e até falava de seu noivo com amor, mas era o suficiente para manter a doença que apodrecia o coração de Werther. Ela poderia amar outro, mas ele estava satisfeito com o toque de dedo acidental que vez ou outra acontecia entre eles.

Não, não estou me enganando! Leio em seus olhos negros interesse verdadeiro por mim e meu destino. Sim, sinto — e nisso posso confiar em meu coração — que ela... oh, poderei, saberei expressar o céu nessas palavras...? Que ela me ama! Ela me ama...! E como aumento a autoestima, como — a você posso dizê-lo, pois tem sensibilidade para isso — como idolatro a mim mesmo desde que ela me ama! (GOETHE, 2015, p. 71)

A alusão ao suicídio aparece pela primeira vez quando Werther assume o quanto Lotte lhe era sagrada. Como ela silenciava o desejo dele com a simples presença. “Nunca sei o que sinto quando estou com ela; é como se dentro de mim a alma se retorcesse em todos os nervos” (GOETHE, 2015, p. 72). Sem perceber, Charlotte torna-se a razão pela qual ele vive.

Há uma melodia que ela toca ao piano com a força de um anjo, tão simples e tão espiritual! É a sua canção predileta, e me restabeleço de toda dor, todo martírio e todas as cismas ao ouvi-la tocar apenas a primeira nota. Nenhuma palavra sobre a força mágica da música antiga parece-me improvável. Como sou afetado pelo canto simples! E como ela sabe executá-lo, muitas vezes no momento em que eu queria meter uma bala na cabeça! A errância e a escuridão de minha alma dissipam-se, e volto a respirar mais livremente. (GOETHE, 2015, p. 71)

Apesar de discursar sobre o estilo de vida simples, a própria vida de Werther torna-se um eterno devir de futilidades. Sua vida se baseava em visitar Charlotte, pensar nela e imaginar como seria se estivesse com ela. Sentia alegria até em ver alguém que tinha encontrado com ela, porque assim, de alguma forma estaria em sua presença também.

Quando o noivo de Lotte chega a situação de Werther tende a piorar ainda mais. Presenciar o amor dos dois é presenciar a própria desgraça que o assola. Albert era a prova que o noivado era uma questão de tempo e que aquela mulher era comprometida.

Basta, Wilhelm, o noivo chegou! Um homem honrado, querido, de quem necessariamente se deve gostar. Felizmente, não estive na recepção. Isso teria dilacerado o meu coração. Ele também é muito digno e não beijou Lotte uma única vez na minha presença. Que Deus lhe pague! Em nome do respeito que tem pela moça, tenho de amá-lo. (GOETHE, 2015, p. 79)

Estar com Charlotte se torna desagradável, em toda sua magnitude ainda era uma coisa terrível. Ela sempre esteve comprometida, desde o primeiro dia na carruagem até a chegada de Albert. Não houve jura ou promessa de entrega. “Nisso o tolo acorda quando o outro de fato aparece e lhe toma a moça” (GOETHE, 2015, p. 79). Ninguém tomou nada porque Lotte nunca pertenceu à Werther. Ele apenas foi o último a perceber.

A autopiedade passa a se manifestar constantemente. Werther sente pena e desprezo por si mesmo e precisa que alguém também sinta. Não existe coragem para resolver a situação tão desesperadora, vale ressaltar que a única solução considerada é a morte.



E você pode exigir algo do infeliz cuja vida está se esvaindo aos poucos, inexoravelmente, sob uma doença insidiosa, que coloque um fim repentino ao sofrimento dando-se uma punhalada? E será que o mal que lhe consome as forças não lhe rouba também a coragem de libertar-se dele? (GOETHE, 2015, p. 81)

O sentimento se transforma em culpa. Werther decide flagelar a si mesmo com as mesmas coisas óbvias de sempre. Ele sentia culpa por ter ignorado os sinais, ter alimentado um amor que só existia para ele. Ele relê o próprio diário e cada vez está mais seguro do quanto foi tolo. Essa forma de tortura não alivia nem um pouco a dor do amor não correspondido, mas tenta validá-lo, tornar aquele sofrimento o mais real possível diante de todos. “Como sempre, vi a minha situação com tanta clareza, e mesmo assim agi como uma criança, e ainda vejo com clareza, e não há sinal de que vá melhorar” (GOETHE, 2015, p. 82)

Sendo bem franco, Werther passa a discursar a favor do suicídio mais abertamente. Em uma conversa com Albert, ele lhe pede a pistola emprestado e aperta o cano da pistola na testa, um pouco acima do olho direito. A “brincadeira” parece um tanto excessiva para Albert, fazendo-o condenar qualquer atitude semelhante na vida real.

— Ei! — disse Albert, tirando a pistola de mim e abaixando-a. — Que bobagem é essa?  
— Não está carregada — disse eu.  
— Mesmo assim, pra que isso? — retrucou ele impaciente. — Não consigo imaginar como alguém pode ser tão tolo a ponto de se matar com um tiro; a mera ideia gera repulsa em mim.  
— É curioso quando as pessoas — exclamei —, para falar de algo, tenham sempre que dizer “isso é uma tolice, isso é sagaz, isso é bom, isso é maldade!”, mas o que quer dizer tudo isso? (GOETHE, 2015, p. 86)

Ambos estavam indignados. Albert tinha repulsa pela ideia de morte. Como muitas pessoas, o medo instantâneo de morrer estava enraizado em seu ser. Ele preza pela vida e pela sua sobrevivência. Werther já havia perdido a vontade de viver porque nunca demonstrou ter uma. Estava sempre buscando um significado a tudo, sem aceitar a vida como vida. Tentando achar a felicidade em todo gesto e ação de pessoas a sua volta.

Sua personalidade gosta de contradizer e questionar tudo. Como se fosse o próprio prazer resultante da conversa. Ele questiona a afirmação de Albert porque quer se emocionar ouvindo a própria voz. Desfaz-se da razão porque ela não explica nada do que ele pensa ou sente, perdendo a utilidade e funcionalidade. Ele busca pela exceção porque a regra não o satisfaz.

— Paixão! Embriaguez! Loucura! Estão aí tão resignados, sem participação ativa, vocês, pessoas morais, que criticam o ébrio, que abominam o louco, e passam por eles

como o padre e agradecem a Deus como o fez o fariseu, por Ele não tê-lo feito como um daqueles. Fiquei bêbado mais de uma vez, minhas paixões nunca ficaram muito longe da loucura, e não me arrependo de nada disso: pois aprendi em grande medida como foi necessário afastar todas as pessoas extraordinárias que lograram algo grande, algo que parecia impossível, tiveram de se apartar, como se fossem bêbadas ou loucas. Mas até na vida comum é insuportável ouvir gritarem sempre para aquele que executa um ato livre, nobre e inesperado, mesmo que parcialmente: “Ele é um bêbado, é um tolo!”. Tenham vergonha, sóbrios! Tenham vergonha, sábios. (GOETHE, 2015, p. 86. p.87)

Em sua opinião, a moralidade censura a parte mais baixa das emoções. Suprimindo a parte primitiva e mais forte do sentimento. A sobriedade implica na abdicação das verdadeiras paixões, a sabedoria anula tudo que é vil e verdadeiro. Restando sempre os bêbados loucos e os moralistas sóbrios.

Para Albert, o suicídio é fraqueza. É uma manifestação torpe da fragilidade do homem. Não é um grande ato e muito menos é feito por um grande homem. Afirma que “é mais fácil morrer do que suportar com firmeza uma vida de sofrimento”. Sua postura firme abala tudo o que Werther julga como libertação. Para ele, um povo que se liberta de um tirano não pode ser chamado de fraco. As comparações descem cada vez mais o nível e se perdem no vazio completo.

O estado de Werther torna-se cada vez mais doente e dependente. Aos poucos, vai perdendo a razão, a motivação e a força. “É certo que nada no mundo torna o homem mais necessário do que o amor” (GOETHE, 2015, p. 91). A ilusão de que Lotte realmente precisava dele era um dos poucos fatos em que se apegava e lutava para acreditar realmente naquilo.

A realidade rosa e romântica passa a ser uma constante tortura. “Mas tinha mesmo que ser assim, que aquilo que perfaz a felicidade do homem também seja a fonte de sua miséria?” (GOETHE, 2015, p. 92). O Amor que tanto deu agora toma tudo de volta. A visão da amada torna-se cada vez mais turva já que se tornara tão inacessível. O espírito ora sonhador e renovado, atormenta-se ao passar do dia e ao cair da noite.

Rapidamente o desfecho vai tomando forma. “Não vejo um fim para esta miséria senão o túmulo” (GOETHE, 2015, p. 99). A morte vira uma promessa e não é mais uma ideia distante, está à espreita. Espera pelo momento certo para findar todo sofrimento. Mas não somente acabar com a dor, porque quando a morte vem, a alegria se vai também.

Werther promete não vê-la mais, narra a última vez que iriam se ver, mas tudo não passa de confete. “Ah, ela dorme tranquila e não pensa que nunca mais me verá. Desprendi-me, fui forte o suficiente em não revelar o meu intento em uma conversa de duas horas” (GOETHE, 2015, p. 101). Ele escolhe ficar e essa não será a única vez que conscientemente decide continuar com toda a farsa, levando a história toda para frente.

Entre juras e pensamentos insólitos, a vida de Werther parece guinar com um novo emprego, novos ares e oportunidades. Em nenhum momento ele deixa Charlotte. Desfalecia pela simples menção de ter conhecido a mãe de Lotte, perdia a compostura diante de tudo e a todo momento. A pena que ele carregava tornava o já atormentado espírito em algo insuportável. Passa a rogar a Deus por autoconfiança e moderação. Assume que a felicidade dependia da nossa projeção em outras pessoas.

Tantas vezes sentimos que nos faltam algumas coisas e justamente o que nos falta parece estar de posse de outra pessoa, a quem ainda somamos todas as qualidades que temos, além de certa satisfação idealizada por nós. Assim, a felicidade está completamente pronta no outro, uma criação de nós mesmos. (GOETHE, 2015, p.110)

Apesar de dizer que está se sentindo bem, os lamentos não param e as lamúrias não cessam. De forma cômica, Werther condena a raça humana por passar vergonha de maneira rasteira, sem assumir que passa vergonha constantemente se arrastando como um verme que acabara de ser pisado, com dificuldade e desejando a morte mais do que tudo.

Em determinado momento, Werther não reconhece mais a si mesmo, sua existência converte-se a um espectro que olha no espelho e vê o corpo que um dia foi seu. Tudo se torna incerto e pode nem existir. “Não sei ao certo porque levanto e por que vou dormir.” (GOETHE, 2015, p. 116)

Em um momento de pouca racionalidade, a amizade com Albert é amaldiçoada e um acesso de inveja toma conta da alma de Werther. Ele deseja todo o carinho que é destinado à Albert, que ele usufruía e tomava como esposa a mulher que ele merecia. E ainda se coloca em um triângulo amoroso que só existe para ele.

Deus os abençoe, meus queridos, que lhes dê a todos os belos dias que me rouba! Agradeço-lhe, Albert, por me ter enganado: esperei por notícias sobre quando seria o seu casamento e havia planejado tirar da parede solenemente a silhueta de Lotte, enterrando-a sob outros papéis. Agora vocês são um casal, e a imagem dela ainda está aqui! Bem, assim ficará! E por que não? Eu sei, também estou com vocês, estou no coração de Lotte sem prejuízo para você, sim, ocupo o segundo lugar nele, e quero e devo mantê-lo. Ó, ficaria furioso se ela conseguisse esquecer... Albert, nesse pensamento encontra-se um inferno. Albert, adeus! Adeus, anjo do céu! Adeus, Lotte! (GOETHE, 2015, p.120)

A insignificância é abraçada e vista como trivial. “Sim, sou apenas um caminhante, um peregrino na Terra! Mas você é algo além disso?” (GOETHE, 2015, p. 136). Werther rebaixa todos os homens a mesma posição de inferioridade em que ele se encontra. Depositando sua inveja pela relação bem-sucedida de Lotte e Albert, sentindo calafrios quando ele a toca e acreditando que ela seria mais feliz com ele. Ele se apegua a ideia que não está sofrendo sozinho,

todas as pessoas compartilham de seus infortúnios. “Não sou só eu a sentir isso. Todas as pessoas são iludidas em suas esperanças, enganadas em suas expectativas” (GOETHE, 2015, p. 140)

“E se Albert morresse?”, essa ideia toma conta da mente de Werther como uma erva daninha que se apodera de um jardim esquecido. Pensando nessa possibilidade, Werther ignora a amizade que nutriu durante todo aquele tempo, suportando a presença dos dois juntos. Durante um breve momento, ele sente que tudo já tinha passado, logo depois já se pergunta como outra pessoa pode amá-la, sendo que esse papel já estava sendo cumprido por ele.

Werther compartilha uma conversa que teve com um camponês que era apaixonado pela patroa, apesar de terem conversado anteriormente, agora o camponês revela que fim teve toda sua paixão. O homem já havia perdido a razão e não respondia mais por si.

Caro amigo, se eu pudesse deixar a seu juízo cada uma das palavras dele! Ele confessou, até contou com uma espécie de fruição e felicidade de rememoração, que a paixão por sua patroa se multiplicava a cada dia, e que enfim ele não sabia o que fazia e, como me disse, não sabia onde estava sua razão. (GOETHE, 2015, p.143)

O relato é escutado com muita atenção. Sua vida tinha sido terrivelmente destruída. Suas atividades básicas viraram custosas e uma espécie de "espírito mau" o perseguia. O homem, levado por seus instintos e sentimentos mais bárbaros, tentou ter a mulher a qualquer custo, justificando-se depois pois não sabia o porquê tinha chegado naquele ponto.

O amor não exige nenhum ato de sacrifício ou uma loucura exacerbada para que tenha validade. O camponês passou dos limites e seus atos foram executados pelas mãos dele e não do Amor. Toda aquela situação era exemplo do amor puro que Werther defendia, uma paixão que não era invenção poética e estava viva na classe de pessoas incultas e cruas.

Novamente viajando em seus devaneios, Werther tenta imaginar como as pessoas reagiriam se em certo dia ele simplesmente não aparecesse mais. Eles sentiriam sua falta de fato? Que efeito a sua ausência teria?

Seus amigos o honram! Muitas vezes você faz a alegria deles, e ao seu coração parece que sem eles não pode ser; mesmo assim... se agora fosse embora, se saísse desse círculo de amizade? Eles sentiriam, por quanto tempo sentiriam a lacuna que escancararia a sua perda no destino deles? Por quanto tempo? Ó, tão transitório é o homem que, mesmo quando tem certeza de sua existência, quando tem a única impressão verdadeira de seu presente, que é na lembrança, na alma de seus entes queridos, que percebe que precisa se extinguir, desaparecer, e isso muito em breve! (GOETHE, 2015, p.155)

A dor de imaginar o quão pequeno ele pode ser causa-lhe a vontade de dilacerar o peito e esmigalhar o cérebro. E a falta de Charlotte traz à tona o pior que há dentro dele. “Eu tenho

tanto, e o sentimento por ela consome tudo; eu tenho tanto, e sem ela tudo isso se torna nada” (GOETHE, 2015, p. 157)

Já não restou mais nenhuma culpa ou a fonte de toda a miséria que o assolavam. O corpo físico era o último fragmento daquilo que já foi Werther. Sua ruína é certa e até as lágrimas perderam a refrescância.

E esse coração agora está morto, dele não brotam mais encantos, meus olhos estão secos, e meus sentidos, que não são mais alimentados por lágrimas refrescantes, franzem amedrontados a minha testa. Sofro muito, pois perdi o que era o único deleite da minha vida, a força sagrada e estimulante com a qual criava mundos à minha volta; foi-se embora! (GOETHE, 2015, p.159)

Como último recurso, Werther tenta encontrar consolo na religião. “Respeito a religião, sabe disso, sinto que para muitos esgotados ela é cajado, para muitos desfalecidos é alívio” (GOETHE, 2015, p. 163). Assumindo posteriormente que ela pode não ser a melhor alternativa para todas as pessoas, mas seria de bom tom ter alguém a recorrer em seus momentos mais desesperadores e assumir toda a fraqueza que o atormenta.

Não seria apenas destino dos homens aguentar o seu fardo e tomar o cálice até o fim? E se o cálice foi amargo demais para o Deus do céu em seus lábios humanos, por que deveria eu me gabar e fazer de conta que para mim é doce? E por que deveria eu ter vergonha no momento terrível em que todo o meu ser treme entre ser e não ser, quando o passado brilha como um raio sobre o abismo tenebroso do futuro e tudo à minha volta naufraga e o mundo, junto comigo, sucumbe? Não será, então, a voz da criatura completamente confinada em si mesma, perdida de si mesma e em queda irrefreável a dizer, com voz rangente nas profundezas interiores de suas forças, se regenerando em vão “Meu Deus! Meu Deus! Por que me abandonaste?”, e deveria eu me envergonhar por essa expressão, deveria ter medo do momento em que não foi poupado nem aquele que enrola os céus como uma toalha? ! (GOETHE, 2015, p.163)

Tudo parece tão inútil e cada vez mais ele sente pena de si mesmo e de sua condição doente. O pobre Werther sentia que seu sofrimento era tão real, tão íntimo e único. Mesmo que se ocupasse com outras atividades e cargos, ainda era o mesmo homem deprimentemente condenado. “Tenho de suportar tanto! Ah, será que os homens antes de mim também já eram tão miseráveis?” (GOETHE, 2015, p. 168)

Ao encontrar um homem louco, Werther sente inveja pela esperança que este ainda carrega. O louco saía de casa para encontrar flores para uma rainha que nem existia, mas ainda tinha o vigor e esperanças de entregá-las. Essa gana de viver era invejável, era totalmente autêntica. Mais tarde, é confessado que esse mesmo enlouquecido trabalhou outrora como escrevente do pai de Lotte. Nutrira uma paixão pela moça e ao ser descoberto, foi despedido. Ela havia enlouquecido outro!

A morte de Werther foi longa. Pouco depois da meia noite ele atira acima do olho

esquerdo. Um tiro na cabeça pode ser fatal, mas não instantâneo. Seu criado o encontra no chão agonizando e nesse momento ele sente a junção da dor física e emocional.

Quando o médico chegou à casa do infeliz, encontrou-o no chão sem salvação, havia pulso, mas os membros todos anestesiados. Tinha atirado na cabeça acima do olho direito, o cérebro havia sido expelido. Tiraram sangue da artéria do braço sem necessidade, o sangue corria, ele ainda respirava. (GOETHE, 2015, p.210)

Os últimos dias de vida E a certeza do amor de Lotte. O pedido para que não retornasse mais depois de roubar um beijo de uma mulher casada que amava seu marido. Esses fatores não assinaram a sentença de morte de Werther. O amor não lhe esbofeteou ou pediu que sacrificasse a vida por Charlotte. O mesmo aconteceu com o camponês que usava sua paixão para justificar atos condenáveis. Os dois estavam presos nas próprias mentes adoecidas e usavam o Amor como desculpa e como salvação. Lotte sentiu os efeitos da paixão que sentia, os sentimentos de pena, dor e piedade se misturavam ao fato de já ser comprometida, de não conseguir aceitar que Werther devotasse outra mulher, senão ela. O Amor em forma de egoísmo e a traição de não poder corresponder às carícias e condenar um homem ao túmulo.

Quantos homens morreram por amor ou pela falta dele? Ele não exige nada, rodeia os ares como uma desculpa, um pedido de clemência perante a dor da existência. Pode gritar o mais alto e não ser ouvido por aquele que não aprendeu a escutar. O amor que pode ser ensinado, demonstrado, validado e ao mesmo tempo pode não significar nada. Assim como a vida, mas espreitando todo homem vazio que precisa de uma salvação, que precisa ser morto ou perceber que já apodreceu há muito tempo.

## 2.2 Romeu

*And this maiden she lived with no other thought  
Than to love and be loved by me.  
I was a child and she was a child,  
In this kingdom by the sea;  
But we loved with a love that was more than love-*

*Edgar Allan Poe*

Fazia parte do destino de Romeu ser um eterno apaixonado. A peça de Shakespeare imortalizou o romance impossível e juvenil entre os inimigos de sangue. De um lado, a família Capuleto com sua bela Julieta, e do outro, os Montecchio com seu bravo Romeu. Logo no início

da trama, Romeu suspirava de amor por Rosalina, uma moça que estava prometida à castidade e assim era um amor impossível.

Montecchio já havia percebido o comportamento estranho do filho. “Muitas manhãs tem ele sido visto nesse bosque, a aumentar com suas lágrimas o orvalho matutino e acrescentando com seus suspiros fundos novas nuvens as nuvens existentes” (SHAKESPEARE, 1998, p. 13). Demonstrava ainda um medo de que essa melancolia com causa desconhecida causasse o fim de Romeu. “Poderá acabar mal todo esse enliço, se não for afastada a causa disso” (SHAKESPEARE, 1998, p. 14).

Romeu prefere manter suas coisas íntimas. Sua família e amigos próximos veem seu sofrimento sem rosto e observam de longe, pois nada poderiam fazer se era a própria escolha dele não revelar a causa de sua dor.

Mas ele confiante de suas próprias inclinações — ignoro até que ponto verdadeiro se mostra — tão discreto consigo mesmo é sempre e tão distante de se deixar sondar e patentear-se como o botão que o verme escuro morde antes que no ar ostente as doces folhas e a formosura à luz do sol dedique. Se a causa eu conhecesse da tristeza deixá-lo-ia curado, isso é certeza. (SHAKESPEARE, 1998, p.14)

Em uma conversa com Benvólio, Romeu divaga sobre o amor e acredita que ele dá mais trabalho que o ódio. Vestindo-se de formas falsas e enganadoras, o amor é constituído pelas mais infames dualidades. A doença e a vida que lutam constantemente pelo poder e o acometem causando-lhe apenas dor.

Ó ódio amoroso! És tudo, sim; do nada fostes criado desde o princípio. Leviandade grave, vaidade séria, caos imano e informe de belas aparências, chumbo leve, fumaça luminosa, chama fria, saúde doente, sono sempre esperto, que não é nunca o que é. Eis aí o amor que eu sinto e que me causa apenas dor. Não queres rir? (SHAKESPEARE, 1998, p.15)

Antes de assumir que realmente está apaixonado, Romeu brinca com a definição do que é o amor. Ele apenas foi mais um que tentou conceituar um conceito que é tão amplo que não pode ser medido e classificado junto com outras coisas banais. “O amor é dos suspiros a fumaça; puro, é fogo que os olhos ameaça; revolto, um mar de lágrimas de amantes... Que mais será? Loucura temperada, fel ingrato, doçura refinada” (SHAKESPEARE, 1998, p. 15). Ele chama o Amor de doce e refinado, mas destaca seu caráter louco e ingrato, como algo que apesar de proporcionar prazer e parecer bom, esconde diversas camadas de obscuridades.

Ao assumir que adora uma mulher, Romeu decreta seu fim trágico e recomenda que já se providencie o testamento. Sua amada, Rosalina é descrita como “rica em beleza, mais que bela, porque a beleza morrerá com ela”. A situação parece tão clara à Benvólio que ele simplesmente

intercede que o primo esqueça da moça, já que tal amor era inalcançável e lhe causaria grande sofrimento,

Benvólio possui voz forte e não só aconselha Romeu como propõe que ele encontre nova “beleza”, desmistificando o conceito romântico de dedicar-se sempre à uma só pessoa pelo resto da vida. Sua razão está amparada na premissa que nenhuma jura de amor é eterna, por mais que assim pareça. O amor não exige uma dívida eterna com a monogamia e a ideia de parceiro único e ideal.

Romeu justifica que essa tentativa seria falha e só serviria para mostrar o quanto a beleza de Rosalina era rara, ao ser comparada com a de outras moças. “Quem chegou a cegar, jamais se esquece da jóia rara que perdeu com a vista” (SHAKESPEARE, 1998, p. 17). Bem confiante, aceita o convite para ir ao baile que seria dado pela família Capuleto.

Em contrapartida, a ideia de casamento é apresentada à Julieta, que confessa jamais ter sonhado com esse dia. O baile seria uma oportunidade para que ela conhecesse o futuro esposo antes que completasse seus 14 anos. Nessa idade, muitas moças já eram mães respeitadas, então era lógico que ela arrumasse um casamento logo também.

Romeu estava certo do poder brutal do amor, desdenhava do sentimento e adotava uma postura mais dura agora, sentindo as dores do amor como nenhum outro sentira antes. “Coisa terna julgais que seja o amor? Não; muito dura: dura e brutal, e fere como espinho” (SHAKESPEARE, 1998, p. 25)

Aos poucos, as opiniões e conselhos de pessoas próximas vão trazendo realidade a peça. Romeu suspira apaixonado, desiludido e cabisbaixo, mas seus amigos e família pedem que ele tenha bom senso e que não se entregue de corpo e alma à paixão. Seu amigo Mercúrio pede que Romeu seja justo e revide os golpes que está recebendo do amor com a mesma brutalidade. “Se o amor convosco é duro, sede duro também com ele, revidando todas as pancadas que der. Ponde-o no chão. Dai-me uma cobertura para o rosto. Em cima de uma máscara ponho outra” (SHAKESPEARE, 1998, p. 25).

No momento em que Romeu vê Julieta, todas as outras coisas perdem o significado. Ele tinha uma nova aspiração e razão para viver, seu encantamento é instantâneo. E se desdizendo, Romeu admite que nunca havia visto mulher mais bela vida, apesar de jurar amor por Rosalina alguns minutos antes. “Meu coração, até hoje, teve a dita de conhecer o amor? Oh! Que simpleza! Nunca soube até agora o que é beleza” (SHAKESPEARE, 1998, p. 30).

A primeira conversa entre Romeu e Julieta evoca figuras sagradas que falam de peregrinação, santos e pecado. Tomando sua boca por peregrina, a proposta de Romeu é limpar os pecados na boca santa de Julieta, que por sua vez, corresponde ao beijo e depois corre para



saber se o homem que acabara de beijar era casado.

Ao descobrirem a identidade um do outro, os apaixonados sentem o infortúnio de amar. Julieta nunca havia pensado em casamento e em ideias românticas, mas agora amaldiçoava o amor e admitia sua condição. “Como esse monstro, o amor, brinca comigo: apaixonada verme do inimigo!” (SHAKESPEARE, 1998, p. 33).

Benvólio e Mercúcio tentam impedir que Romeu vá escondido ver Julieta, mas falham miseravelmente. Resta a Mercúcio reconhecer que aquela batalha estava perdida e Romeu estava novamente apaixonado. “Se o amor é cego, nunca acerta no alvo. Agora vai sentar-se sob a fronde de um nespereiro, a desejar que a amada fosse a fruta que as jovens chamam nêspereira, quando riem sozinhas” (SHAKESPEARE, 1998, p. 36)

Benvólio também desiste da empreitada porque onde o amor está, o pensamento racional falta e não prospera. “Vamos, então; pois é cansativa inútil procurar quem não quer ser encontrado” (SHAKESPEARE, 1998, p. 36). As ideias de Romeu já estão contaminadas e seu ouvido está aberto apenas para as juras e promessas do amor.

Em resposta, Romeu sente-se indignado por estar sendo tão mal compreendido por pessoas que nunca compartilharam o mesmo sentimento e diz que “Só ri das cicatrizes quem ferida nunca sofreu no corpo”. Mas, enfim, Romeu consegue ver a amada surgindo da sacada, Julieta era o “sol do oriente” e “anjo brilhante” que deixa até a Lua com inveja de seu brilho.

Julieta demonstra seu sentimento de desconforto perante a situação toda, entretanto, deixa claro que ela mesma estaria disposta a renegar o próprio nome e família em nome daquele amor proibido. “Romeu, Romeu! Ah! Por que és tu Romeu? Renega o pai, despoja-te do nome; ou então, se não quiseres, jura ao menos que amor me tens, porque uma Capuleto deixarei de ser logo” (SHAKESPEARE, 1998, p. 38). Julieta difere-se neste ponto com Rosalina, pois ama Romeu na mesma intensidade que ele a ama.

Sem medir esforços, Julieta entrega-se completamente a Romeu e pede que ele tome uma posição e diga se também a ama. Apesar de já ser evidente esse amor, as juras são necessárias para abastecer-lhe o coração.

Ó meu gentil Romeu! Se amas, proclama-o com sinceridade; ou se pensas, acaso, que foi fácil minha conquista, vou tornar-me ríspida, franzir o sobrececho e dizer “não”, porque me faças novamente a corte. Se não, por nada, nada deste mundo. Belo Montecchio, é certo: estou perdida, louca de amor; daí poder pensares que meu procedimento é assaz leviano; mas podeis crer-me, cavalheiro, que hei de mais fiel mostrar-me do que quantas têm bastante astúcia para serem cautas. Poderia ter sido mais prudente, preciso confessá-lo, se não fosse teres ouvido sem que eu percebesse, minha veraz paixão. Assim, perdoa-me, não imputando à leviandade, nunca, meu abandono pronto, descoberto tão facilmente pela noite escura. (SHAKESPEARE, 1998, p.15)

Tomada pela paixão juvenil, Julieta propõe que o casamento seja marcado o quanto antes e que Romeu só lhe diga a que dia se realizaria e onde. “Amanhã cedo me envia uma palavra pelo próprio que eu te mandar: em que lugar e quando pretendes realizar a cerimônia, que a teus pés deporei minha ventura, para seguir-te pelo mundo todo como a senhor e esposo” (SHAKESPEARE, 1998, p. 42).

O pedido é acatado e Romeu procura por Frei Lourenço na manhã seguinte para que a cerimônia seja marcada. O Frei estranha a drástica postura de Romeu, que no dia anterior estava apaixonado por outra e agora simplesmente descarta aquele sentimento e substitui uma amada por outra.

Por São Francisco! Que mudança é essa? Rosalina adorada e tão depressa posta no esquecimento? O coração no amor dos moços nada influi, senão somente os olhos. Ai! Jesus Maria! Quantas ondas salgadas, noite e dia, a postura banharam-te amarela, só pelo amor de Rosalina bela? Quanta água salsa em vão jogada fora por um amor que ele não sente agora! Não desfez ainda o sol, em muitos giros, os vapores, no céu, de teus suspiros. Sinto ainda tuas queixas nos ouvidos. Eis em tua face, aqui, dos tempos idos, uma lágrima ainda não lavada, que origem teve em tua namorada. Se o mesmo ainda és, que só de amor se fina, foi causa de tudo isso Rosalina. Mudaste tanto? Ouve a sentença amara: cai a mulher, quando o homem não a ampara. (SHAKESPEARE, 1998, p.46)

Aquele discurso não abala o novo amor que nasceu e já florescia em seu peito. Romeu estava convencido que o amor de Julieta era o certo, pois era correspondido e tinha mais chances de vingar. “Não me censures, pois, a minha amada na afeição não me fica a dever nada, o que com a outra não acontecia” (SHAKESPEARE, 1998, p. 46). Diante de tais fatos, só resta ao Frei alertá-lo quanto à pressa, pois quem mais corre, mais tropeça.

Os acontecimentos que se seguem são importantes para o desfecho da trama. Depois de se casarem em segredo, ocorre um duelo entre Tebaldo, primo de Julieta, Mercúcio, amigo de Romeu, e o próprio Romeu. A desavença resulta na morte de Mercúrio e Tebaldo. Como a briga havia sido instigada por Tebaldo, que mata Mercúrio primeiro, a única saída de Romeu é vingar o sangue do amigo que fora ali derramado.

O crime de Romeu obriga o príncipe de Verona a condená-lo ao exílio. A notícia é recebida com muito desespero por Julieta que tenta amenizar a situação pensando que se seu primo não estivesse morto, no lugar dele estaria Romeu. Este, por sua vez, está inconsolável com a impossibilidade de ficar na mesma cidade que sua esposa.

É tortura, não graça. O céu se encontra onde Julieta vive. Um simples gato, um ratinho, um cachorro, as coisas ínfimas aqui vivem no céu e podem vê-la. Mas não o pode Romeu. Mais importância, mais dignidade, mais cortesia se acham nas varejeiras dos monturos, que no pobre Romeu. Tocar conseguem no cândido milagre da querida mão de Julieta e mortal bênção podem dos lábios lhe roubar que, com modéstia pura e vestal, corados ainda ficam por julgarem que os beijos são pecado. As moscas fazem isso; e eu sou forçado a muscar-me daqui; são povo livre; eu, banido. E ainda dizer que

esse exílio não significa a morte? Não possuis mistura venenosa, faca afiada, ou qualquer meio rápido de morte, por mais baixo que seja e que me mate, tirante esse “banido”? Ora, banido! Ó frade! Essa palavra os condenados usam no inferno e de urros a acompanham. Na qualidade de homem santo, sendo, como és, um confessor, que tem poderes para perdoar pecados, meu amigo declarado, pretendes esmagar-me com esse termo: “Banido”? (SHAKESPEARE, 1998, p.71)

Os loucos não possuem orelhas e os sábios não possuem olhos. Romeu não aceita a ideia de ficar longe de Julieta, mesmo que sua condenação o tenha livrado da pena máxima que liquidaria sua vida. Sem Julieta, nada mais importava. “Que importa que me prendam, que me matem?” (SHAKESPEARE, 1998, p. 79).

Quando Romeu e Julieta finalmente se encontram depois de todos os eventos fatídicos e a noite de amor que passaram juntos, já pressentem o que estaria por vir. Julieta vê Romeu sem vida, mesmo que ele estivesse ali em pé, em sua frente. “Oh Deus! Um coração tenho agourento. Vendo-te assim, tão longe, só parece que estás sem vida, dentro de um sepulcro. Ou vejo mal, ou estás, realmente, pálido” (SHAKESPEARE, 1998, p. 79). O mesmo se passa com Romeu, que igualmente vê a imagem morta de Julieta. “Podes crer-me, querida; de igual modo tu me pareces. A aflição sedenta nos bebe todo o sangue. Adeus! Adeus!” (SHAKESPEARE, 1998, p.80).

Além de lidar com a expatriação de Romeu, agora Julieta deveria se preparar para o casamento com o jovem Páris, escolhido por seus pais. Capuleto e a esposa preferiam ver Julieta morta se ela não quisesse se casar com o homem que eles a designaram.

Sacramento de Deus! É de deixar-me louco de todo. Dias e mais dias, a toda hora, de noite, o ano inteirinho, no trabalho, no jogo, só, no meio dos companheiros, tinha apenas uma preocupação: sabê-la, enfim, casada. E agora que arranjei um gentil-homem de nobre parentesco, jovem, rico, de fina educação, forrado, como se costuma dizer, de qualidades excepcionais, e tão proporcionado como melhor não fora concebível, lá vem uma coisinha choramingas, uma boneca cheia de lamúrias, ao lhe sorrir a sorte, declarar-me: “Sou muito nova”, “amar não me é possível”, “não desejo casar-me”, “desculpai-me, por obséquio”. Pois não, vou desculpar-vos, se não quereis casar. Procurai pasto onde bem entenderdes, que aqui em casa não ficareis comigo. Refleti; vede bem; gracejar não é meu hábito. Quinta-feira está perto; aconselhai-vos com o coração. Se fôrdes minha filha, por mim a meu amigo sereis dada. Mas se o não fôrdes, enforcai-vos, ide pedir esmola, perecer de fome, morrer na rua, pois — pela alma o juro! — Jamais hei de reconhecer-te e nunca quanto for meu te poderá ser útil. Reflete bem, pois não serei perjuro. (SHAKESPEARE, 1998, p.85)

Nesse momento, todos aconselhavam Julieta a aceitar o bom casamento com Páris. Sua Ama até faz uma comparação esdrúxula dizendo que perto de Páris, Romeu não passava de um “pano de cozinha”. A ofensa não passa despercebida e Julieta decide procurar em Frei Lourenço uma saída que a livrasse daquele segundo matrimônio com um homem que ela não amava.

Oh velha amaldiçoada! Oh demônio perverso! Que pecado será maior: querer-me ver perjura, ou insultar, meu senhor, com a mesma boca que o exaltou sobre tudo neste mundo tantos milhões de vezes? Conselheira, podes ir. Dora em diante, separados tu e meu peito estais. Vou ver o monge. Dar-me-á remédio. Vindo a falhar tudo, porei na morte todo o meu estudo. (SHAKESPEARE, 1998, p.87)

O plano é então minimamente calculado e acertado. Julieta tomaria uma poção que imitaria a morte em seu corpo, deixando sua pele fria e sem vida. Seria levada ao túmulo dos Capuletos, perto do corpo de seu primo Tebaldo que havia morrido recentemente e estava apodrecendo ali. Acordaria depois de algumas horas para encontrar Romeu, que receberia um recado do Frei Lourenço explicando toda a situação. E finalmente poderiam fugir juntos. A mirabolante ideia parte justamente de quem tentou ajuizar tantas vezes Romeu, Frei Lourenço passa rapidamente para um conspirador e cúmplice daquela história de amor.

Na manhã seguinte o corpo de Julieta já está “morto”, para todos os efeitos, ela morrera no dia de seu casamento com Páris e tudo seria providenciado para que as comidas e flores da cerimônia virassem as flores no túmulo de Julieta e a comida seria servida no funeral. Apesar de ter dito que seria capaz de esquecer Julieta como filha e até vê-la morta por não se casar, o velho Capuleto lamenta e chora por Julieta. “Oh filha! Filha, não: alma querida! Já não vives! morreste! Ah! Minha filha já não vive e, com ela, sepultada vai ser minha alegria” (SHAKESPEARE, 1998, p. 100).

Romeu não recebe a carta do Frei e ao saber que Julieta tinha morrido corre até um boticário e compra um poderoso veneno. Chegando ao cemitério, encontra Páris com algumas flores que ele levava para o túmulo de Julieta. Os dois acabam brigando e Páris é atingido e pede que seja enterrado junto ao corpo de Julieta. Romeu coloca seu corpo em um dos túmulos próximos e decide beber logo o veneno.

Ah! Querida esposa, por que ainda és tão formosa? Pensar devo que a morte insubstancial se apaixonasse de ti e que esse monstro magro e horrível para amante nas trevas te conserve? Com medo disso, ficarei contigo, sem nunca mais deixar os aposentos da tenebrosa noite; aqui desejo permanecer, com os vermes, teus serventes. Aqui, sim, aqui mesmo fixar quero meu eterno repouso, e desta carne lassa do mundo sacudir o jugo das estrelas funestas. Olhos, vede mais uma vez; é a última. Um abraço permiti-vos também, ó braços! Lábios, que sois a porta do hálito, com um beijo legítimo selai este contrato sempiterno com a morte exorbitante. Vem, condutor amargo! Vem, meu guia de gosto repugnante! Ó tu, piloto desesperado! Lança de um só golpe contra a rocha escarpada teu barquinho tão cansado da viagem trabalhosa. Eis para meu amor (Bebe) Ó boticário veraz e honesto! Tua droga é rápida. Deste modo, com um beijo, deixo a vida. (SHAKESPEARE, 1998, p.111)

Quando acorda, Julieta vê o corpo de Páris e o de Romeu, percebe que Romeu havia se suicidado bebendo uma grande quantidade de veneno, lamenta que ele foi tão egoísta que bebeu tudo. Ela dá um beijo em seus lábios e ainda sente o calor, com medo de que mais pessoas

chegassem, pega o punhal que Romeu carregava e se mata também.

*Romeu e Julieta* não é apenas uma grande tragédia. É a tragédia que exalta o poder do amor. Romeu se apaixona mesmo já amando outra pessoa e depois disso nunca mais toca no nome de Rosalina. Uma dor sempre pode ser substituída por outra dor, porque o amor busca incansavelmente por vítimas desavisadas.

Os conhecidos e amigos tentam alertá-lo sobre os excessos que ele fazia em nome do amor. A razão sempre esteve perto dele, mas o amor estava mais perto ainda, anulando e ignorando todo e qualquer resquício de racionalidade. A beleza de Julieta era capaz de fazê-lo esquecer todas as outras pessoas, de torná-lo um “covarde” apaixonado que pulava moitas e entrava furtivamente para vê-la escondido. O Amor pode cegar aquele que já está com a vista ruim e que se deixa ludibriar por uma imagem imaculada que esconde inúmeros defeitos, privações e sacrifícios. Quando conhecemos alguém que nos sufoca com sua beleza, não sobra tempo para voltar à superfície para respirar. Somos afogados e agonizamos lentamente enquanto a imagem vai desaparecendo devagar à nossa frente. A beleza não é eterna, por isso, os apaixonados precisam viver tudo como se fosse acabar logo. Na realidade, ela acaba e nem percebemos.

O Amor aborda suas vítimas em todos os locais possíveis. Na saída de escolas, universidades, bares, igrejas e onde existir vida. Ele não tem um tipo específico, qualquer um pode ser escolhido, mas às vezes só uma pessoa é atingida pelo sentimento. Werther é um exemplo do que o amor não correspondido pode fazer com a alma de um desgraçado que ama sozinho. Lentamente, o corpo vai apodrecendo e tudo de bom que vive na pessoa desaparece aos poucos, sua existência vai sendo reduzida até que não sobre mais nada.

A pobre Ofélia deixou-se contaminar com a loucura de Hamlet e escutou o mesmo dizer que nunca a havia amado. A desilusão lhe custou muito caro, Ofélia foi rejeitada e ainda teve o pai assassinado pelas mãos de Hamlet. Seu aparente suicídio foi discutido até pelos coveiros que não sabiam se seu corpo poderia ser enterrado em um lugar sagrado dado a causa da morte.

Hamlet posteriormente diz que amava Ofélia, impelido pela loucura, sua história de amor não era prioridade e a morte de Ofélia foi apenas um efeito colateral da importância que ele mesmo havia dado a ela. “Amava Ofélia; quarenta mil irmãos não poderiam, com todo o seu amor multiplicado, perfazer o total do que eu lhe tinha. Que farias por ela?” (SHAKESPEARE, p. 136)

Dar importância de mais ou de menos não garante o êxito final da história. O Amor conta com um algoritmo impreciso e cruel com tramas suicidas, loucas, impacientes e românticas. Tão românticas! O niilista não condenou ninguém, não mata nada a não ser sua

própria crença, mesmo que ainda incomode por sua singularidade ímpar. Longe de ser digno das mais altas honrarias, o niilismo corresponde ao estado adoecido do homem moderno que cansou de superar. Apesar de ir contra todos os valores românticos, o pobre andarilho niilista é apenas uma vítima do fugaz olhar do Amor, que não se preocupa se acreditam ou não em seu poder, desde que o sintam até perderem todos os sentidos. Foi o que aconteceu com o jovem Werther e foi o mesmo que aconteceu com Bazárov.

### 3. PAIS E FILHOS

Pouco tempo depois de retornar à casa de seu pai, Arkádi Nikoláievitch Kirsánov já demonstra certo distanciamento. “Mas, pai, o lugar em que um homem nasceu não tem a menor importância” (TURGUÊNIEV, 2019, p. 27). Árkadi já era um homem formado e trazia consigo os valores que tinha adquirido durante os anos de estudo e convívio universitário. Nikolai Petróvitch Kirsánov defende que sempre teve suas próprias ideias, mas se estremece ao contar ao filho que estava morando com uma moça e teme a censura de Árkadi diante da situação e da vergonha que ele estava sentindo por compartilhar tal fato.

Um moralista severo julgaria inoportuna a minha franqueza, mas, em primeiro lugar, não se pode escondê-la; em segundo lugar, você sabe muito bem, sempre tive ideias próprias no tocante às relações entre pai e filho. Na verdade, você naturalmente tem todo o direito de me censurar. Na minha idade... (TURGUÊNIEV, 2019, p. 28)

A esposa de Kirsánov havia falecido no ano de 1847, ele mal suportou esse golpe e sofreu intensamente por semanas, deixando-se cair em um estado melancólico que só passou (um pouco) com a chegada do ano de 1848. Agora, Árkadi voltava e outra mulher estava ao lado de seu pai, apesar da insegurança por admitir aquela relação, Nikolai Petróvitch contrariava até os próprios valores em nome do amor.

O filho pródigo estava finalmente em casa. Mas a mente de Árkadi estava longe e ideias ruminavam em sua mente. Olhando para aquele lugar onde tudo continuava a mesma coisa e nada mudava, ele decide que uma revolução seria necessária.

O coração de Árkadi encolheu-se um pouco. Como que de propósito, todos os mujiques que encontrava estavam esfarrapados e montavam pangarés deploráveis; como indigentes em andrajos, alguns salgueiros descascados e de galhos partidos margeavam a estrada, vacas descarnadas, enrugadas, como se fossem só pele e osso, tosavam esfomeadas o capim das valas. Era como se houvessem acabado de escapar de garras terríveis e mortíferas — e, despertado pelo aspecto lastimável das criaturas exauridas em meio àquele radioso dia de primavera, ergueu-se o espectro branco do inverno desolador e interminável, com suas tempestades de neve, de gelo e suas ondas de frio... (TURGUÊNIEV, 2019, p. 30)

Para Evguéni Vassílievitch Bazárov, aquele lugar não tinha “ninguém para se deixar seduzir”, achava assombroso o colarinho de Kirsánov e até a forma com que ele barbeava o queixo. Ele definitivamente era um bom sujeito, apesar de tudo. Do tipo que lê poemas sem tirar deles nenhum proveito. “— Que coisa extraordinária — exclamou Bazárov —, esses velhos românticos! Domesticam seus sistemas nervosos até um estado de irritação... e com isso se rompe o equilíbrio entre os pratos da balança” (TURGUÊNIEV, 2019, p. 37).

O conceito de “niilista” é construído em conjunto por Pável Petróvitch Kirsánov, Nikolai e Árkadi durante um café da manhã. Árkadi defende que “o niilista é uma pessoa que não se curva diante de nenhuma autoridade, que não admite nenhum princípio aceito sem provas, com base na fé, por mais que esse princípio esteja cercado de respeito” (TURGUÊNIEV, 2019, p. 44) e que o niilista considera tudo de um ponto de vista crítico. Para Pável, o niilista não respeita nada e sua filosofia se baseia apenas nisso. Acredita ainda, que não tem nada a ver com esses ideais.

— Está muito bem. Mas, pelo que vejo, isso nada tem a ver conosco. Somos gente do tempo antigo, acreditamos que, sem princípios — Pável Petróvitch pronunciava essa palavra com suavidade, ao estilo francês, ao passo que Arkádi, ao contrário, a pronunciava à maneira russa, “príntsip”, acentuando a primeira sílaba —, sem princípios aceitos, como você diz, com base na fé, não se pode dar nem um passo, nem mesmo respirar. Vous avez changé tout cela, que Deus lhes dê saúde e o posto de general, mas, quanto a nós, nos contentaremos em admirar as futuras realizações dos senhores, os... como os chamou? (TURGUÊNIEV, 2019, p. 44 e 45)

Pável estava preocupado com o rumo das novas ideias que mudavam rapidamente e não dava tempo nem mesmo para a adaptação. Onde aquilo iria parar? Eles iriam inventar quantas doutrinas mais? “Antes, foram os hegelianistas e agora são os niilistas. Veremos como os senhores vão viver no vácuo, no espaço sem ar; e agora, por favor, me perdoe, meu irmão Nikolai Petróvitch, está na hora de beber o meu cacau” (TURGUÊNIEV, 2019, p. 45). A cena toda tornara-se mais cômica quando Bazárov decide se ausentar para dedicar um tempo à retaliação de rãs. Pável o ridiculariza, destacando que Bazárov “Não crê em princípios, mas acredita em rãs”.

A presença de Bazarov era um insulto à natureza aristocrática de Pável, que tentava a todo custo se fazer notar. Utilizava determinadas palavras para dar um toque de ironia, mas ninguém percebia. Bazarov não tinha pudor e sua falta de cerimônia era simplesmente inaceitável. Aquela figura niilista estava ao seu lado à mesa e despejava suas descrenças para todo lado. “Um químico honesto é vinte vezes mais útil do que qualquer poeta” (TURGUÊNIEV, 2019, p. 49). Em determinado momento, Bazárov pergunta se aquela conversa

toda se tratava de um interrogatório.

Árkadi achava que seu tio era digno de compaixão, mais que de zombarias. Mas Bazárov estava certo que a maior ofensa lhe era devida e que ele não tinha motivos para passar a mão em sua cabeça e ignorar sua natureza ignóbil.

— Ah, é? Pois não conte comigo para cobrir de mimos esses aristocratas de província! Não passam de puro pedantismo, todas essas maneiras presunçosas e soberbas. Por que ele não prosseguiu suas atividades em São Petersburgo, se eram tanto do seu agrado? Pensando bem, vamos deixá-lo em paz! Encontrei um exemplar de um besouro bastante raro, *Dysticus marginatus*, conhece? Vou mostrá-lo a você. (TURGUÊNIEV, 2019, p. 50)

Disposto a desfazer a má impressão que Evguéni tinha de seu tio, Árkadi começa a contar-lhe toda a história de vida de Pável. “Pável Petróvitch padecia até mesmo quando a princesa R o amava; mas quando se tornou fria com ele, e isso aconteceu bem cedo, quase enlouqueceu”. A figura de Pável convertera-se rapidamente em um “melancólico encantador”, mas sua perseguição e obsessão forçaram a princesa a se mudar para o exterior para fugir daquela situação incômoda.

Como alguém embriagado, vagava de um lugar para outro; ainda tinha vida social, conservava todos os costumes de um homem mundano, podia gabar-se de duas ou três novas conquistas; porém já não esperava mais nada de especial, nem de si, nem dos outros, e não empreendia coisa alguma. Envelheceu, ficou grisalho; passar as noites no clube, entediar-se mortalmente, discutir com indiferença num círculo de solteirões, tudo isso tornou-se uma necessidade para ele — um mau sinal, como se sabe. (TURGUÊNIEV, 2019, p. 55)

Para Árkadi, Pável era um homem valioso e especialista em dar conselhos amorosos. Sempre irônico, Bazárov apenas lhe responde que “gato escaldado tem medo de água fria”. Sendo assim, os conselhos de Pável não tinham muita utilidade já que ele havia passado por todas aquelas situações e agora só vagava sem rumo e sem expectativa de vida ou romântica.

Bazárov não despreza Pável, mas acredita que sua melancolia romântica o torna inteiramente inútil e não existem justificativas para ser assim. A educação de um homem deve depender dele mesmo e a época em que estamos inseridos é que deve depender de nós.

— E quem o está desprezando? — retrucou Bazárov.— No entanto devo dizer que uma pessoa que pôs sua vida em jogo por causa do amor de uma mulher e que, ao ver que havia perdido a aposta, deixou-se abater e decaiu a ponto de não ser mais capaz de nada, essa pessoa não é um homem, não tem brios. Você diz que ele é infeliz: não duvido, mas nem todas as minhocas saíram da sua cabeça. Estou convencido de que ele se considera, a sério, um homem útil porque lê seu jornalzinho Galignani e, uma vez por mês, salva um mujique do chicote. (TURGUÊNIEV, 2019, p. 58)

Evguéni já havia defendido a inutilidade do poeta quando comparado a um químico, mas



continua sua crítica aos que se deixam levar pelo romantismo e condena a relação fantasiosa que surge diante de uma paixão. Sempre irônico, desdenha da conversa e diz que seria mais vantajoso ir estudar o besouro, como queria desde o começo.

E o que são essas misteriosas relações entre homem e mulher? Nós, fisiologistas, sabemos que relações são essas. Estude a fundo a anatomia do olho: de onde vem esse olhar enigmático, como você o chamou? Tudo isso é puro romantismo, fantasia, podridão, belas-artes. É muito melhor irmos examinar o besouro. (TURGUÊNIEV, 2019, p. 58)

A presença de Bazárov naquela casa estava se tornando cada vez mais penosa para os moradores simples que ali viviam, mas as opiniões sobre o médico niilista eram diversas. Nikolai Petróvitch tinha receio e dúvidas quanto à influência que Bazarov desempenhava sobre Árkadi. Entretanto, tinha boa vontade em escutá-lo e em presenciar suas experiências físicas e químicas. Pável, ao contrário do irmão, não tolerava a presença de Bazarov e já suspeitava que ele o desprezasse, pensamento que lhe caía como uma estaca no peito.

Mítia tivera convulsões, Bazárov atendeu ao chamado e, como era seu costume, entre brincadeiras e bocejos, acabou ficando com ela por volta de duas horas, e curou o bebê. Em compensação, Pável Petróvitch, com todas as forças de sua alma, tomou-se de ódio por Bazárov: julgava-o orgulhoso, insolente, cínico, plebeu; suspeitava que Bazárov não o respeitava, que até o desprezava — a ele, Pável Kirsánov! (TURGUÊNIEV, 2019, p. 73)

Durante uma conversa com Árkadi, Bazárov repreende os modos que seu pai insistia em repetir. Alguns dias atrás viu que ele lia Púchkin. Era claro que Nikolai era uma “carta fora do baralho”, sem pouca significância. Nesse momento, presenciamos o conflito direto dos filhos contra os pais. A geração de Nikolai e Pável estava se tornando obsoleta. “Explique-lhe, por favor, que isso não serve para nada. Afinal, já não é nenhum garoto: está na hora de parar com essas bobagens. E que vontade é essa de ser romântico nos tempos atuais? Dê algo de útil para ele ler” (TURGUÊNIEV, 2019, p. 75).

Nikolai escutou toda a conversa dos jovens e repetia aquela frase incansavelmente em sua cabeça. Eram “cartas fora do baralho”! Todo o esforço em se aproximar de Árkadi pareciam inúteis agora. Pelo visto, a festa já tinha acabado e ele ficou para trás. Pável culpa Bazárov por toda aquela situação. Ele era a influência negativa que estava destruindo a boa índole de seu sobrinho. “Foi aquele *signore*, o tal niilista, que enfiou tudo isso na cabeça de Arkádi. Odeio esse doutorzinho; para mim, não passa de um charlatão; estou convencido de que, com todas as suas rãs, ele não avançou um passo na física” (TURGUÊNIEV, 2019, p. 75).

Um dos confrontos entre *romantics* e niilistas acontece quando Pável se ofende (para variar) com uma declaração de Bazárov sobre os aristocratas. Todas as opiniões do jovem

niilista são tidas como ofensas pessoais para o melancólico Pável que sentia um respeito próprio e apesar de viver no campo, ele não se rebaixa aos seus valores.

— Exatamente isso: mas creio que o senhor tem dos aristocratas a mesma opinião que tem dos aristocratoides. Julgo ser meu dever explicar ao senhor que não compartilho dessa opinião. Atrevo-me a dizer que todos me conhecem como um homem liberal e amante do progresso; mas exatamente por isso respeito os aristocratas... autênticos. Lembre-se, prezado senhor — ao ouvir essas palavras, Bazárov ergueu os olhos para Pável Petróvitch —, lembre-se, prezado senhor — reiterou, com obstinação —, dos aristocratas ingleses. Eles não abrem mão nem de uma migalha de seus direitos e por isso mesmo respeitam o direito dos demais; exigem o cumprimento das obrigações devidas a eles e por essa razão exigem de si mesmos o cumprimento de seus deveres. A aristocracia deu a liberdade à Inglaterra e a sustenta. (TURGUÊNIEV, 2019, p. 78)

A indignação de Pável não era incitada pelos comentários anti aristocráticos de Bazárov, ele estava esperando o momento oportuno para atacar o niilismo, e conseqüentemente, ao jovem niilista que estava sentado à mesa. “Quero apenas deixar claro que o aristocratismo é um princípio e que, sem princípios, em nosso tempo, só podem viver pessoas imorais ou fúteis”. Tratava-se então de morais e bons costumes. O moralista precisa que todos sigam sua doutrina fantasiosa para que ele não sofra sozinho. Nessa perspectiva, o moralismo nada mais é do que uma doença incapacitante.

Para validar a sua posição, Pável chega a acusar os niilistas de serem uma desgraça à Rússia. Sem considerar que o niilismo não nasceu e não se restringiria a um país ou continente. Inutilmente, Bazárov esclarece que a utilidade do niilista era irrelevante, eles haviam decidido não se dedicar a coisa alguma. Vivendo em um estado de inércia, eram capazes de fazer uma revolução.

Infeliz! — berrou Pável Petróvitch; ele não tinha, absolutamente, como se conter por mais tempo. — Se ao menos você parasse para pensar naquilo que essa sua sentença vil apoia na Rússia! Não, isso é de aniquilar a paciência até de um anjo! Uma força! O calmuco selvagem e o mongol também têm força, e que bem ela nos traz? Prezamos a civilização, sim, senhor, sim, meu caro senhor, prezamos os frutos da civilização. E não venham me dizer que esses frutos são insignificantes: o pior pintor borra-tintas, um barbouilleur, um pianista de taberna que ganha cinco copeques por noite, até eles são mais úteis do que os senhores, porque são representantes da civilização, e não da força do rude mongol! Os senhores se imaginam pessoas avançadas, mas na verdade só servem para andar num trenó de calmucos! Uma força! E lembrem-se, por fim, fortes cavalheiros, que os senhores são, ao todo, quatro pessoas e meia e, do outro lado, existem milhões que não lhes permitirão calcar sob os pés suas crenças sagradas e que hão de esmagá-los! (TURGUÊNIEV, 2019, p. 84)

Segundo Pável, “está resolvida a questão”. Os jovens ficam contentes. De fato, no passado eram simples palermas e agora, de repente, se transformaram em niilistas”. O niilismo era o novo termo para definir aqueles que eram ignorantes. Que acreditavam que “tudo no mundo é bobagem”. Nota-se um ressentimento por não ser bajulado pela primeira vez, era como

se sua existência fosse vil e nada mais.

A ocorrência do niilismo de Árkadi e Bazárov era intrigante. Depois de receber um convite do amigo, Árkadi reprime sua alegria como “bom niilista” que era. Bazárov, apesar de negar os valores românticos, sempre pergunta se haverá mulheres bonitas nos lugares. E em caso negativo, deixa bem claro que nem valeria a pena ir. Sentia-se solene por não compartilhar as opiniões de ninguém, apenas as dele, mesmo que isso soasse soberbo.

O amor era tão insignificante que nem valia a pena ser o assunto de uma conversa. Bazárov mudava de assunto rapidamente para não ter que pensar sobre o Amor. As vagas observações que ele fazia sobre as mulheres tinham seu valor. “No poço silencioso se esconde o diabo, você sabe! — cortou Bazárov. — Parece que ela é fria. Mas mesmo nisso há uma sedução. Você não gosta de sorvete?” (TURGUÊNIEV, 2019, p. 113).

Quando conhece Anna Serguéievna Odíntsova, Bazárov não muda sua personalidade de imediato. Era o mesmo niilista de sempre. Mas para Anna, receber a visita do jovem médico fora inicialmente desconcertante. A afetação de Bazárov produziu sobre ela um efeito desagradável, como um “cheiro ruim”. Ela estava curiosa e queria entender como era não ter um senso artístico e como ele conseguia viver sem aquilo, pois assim não era possível conhecer e estudar as pessoas.

— Em primeiro lugar, para isso existe a experiência da vida; em segundo lugar, garanto à senhora que estudar as personalidades individualmente não vale a pena. Todas as pessoas se parecem no corpo e também na alma; todos temos cérebro, baço, coração, pulmões, tudo constituído da mesma forma; assim também as chamadas qualidades morais são exatamente iguais em todos: pequenas alterações nada significam. Basta um exemplar humano para julgar todos os demais. (TURGUÊNIEV, 2019, p. 125)

Bazárov explicava meticulosamente como acreditava que as coisas funcionavam. Tal como fazia com Pável. Enquanto argumentava, sentia em seu interior que não importava se acreditavam ou não no que estava dizendo. A verdade é que tudo aquilo era demasiado insignificante. Posteriormente, Árkadi elogia Anna Serguéievna, em contrapartida, a irmã dela tinha chamado a atenção de Bazárov. “Pois é, aquela moreninha. Tem um frescor, uma pureza, uma timidez, uma reticência, e o que mais você quiser. Eis alguém que se pode trabalhar. Dessa, ainda é possível fazer aquilo que você imaginar; a outra é sabida demais” (TURGUÊNIEV, 2019, p. 130).

Anna Serguéievna Odíntsova sofria de uma condição intrigante. Era viúva, havia se casado por interesse e não conseguia se apaixonar. Repetiu “Curioso, esse médico!” diversas vezes antes de adormecer, mas essa foi a única impressão que teve sobre Bazárov.

Como todas as mulheres que não conseguiram apaixonar-se, desejava algo que ela mesma não sabia exatamente o que era. No fundo, não desejava coisa alguma, embora tivesse a impressão de desejar tudo. Suportara com muita dificuldade o falecido Odintsov (casara com ele por interesse, mas é improvável que admitisse tornar-se sua esposa se não o julgasse um homem bom) e adquiriu uma secreta aversão a todos os homens, que lhe pareciam nada menos que desmazelados, pesados e indolentes, criaturas debilmente maçantes. (TURGUÊNIEV, 2019, p. 131 e 132)

Ao contrário de nosso herói Werther, Bazarov considerava reles tudo que vinha do amor e tinha a ideia definida de que se não fosse correspondido, deixaria o caso de lado, “dando as costas” para explorar o que o mundo tinha a oferecer. Não estava em seus planos sofrer absurdamente por alguém que nem sentia o mesmo.

Bazárov era um grande apreciador das mulheres e da beleza feminina, mas considerava o amor, no sentido ideal ou, conforme ele dizia, romântico, um disparate, uma insensatez imperdoável, considerava os sentimentos cavalheirescos uma espécie de aberração ou doença, e mais de uma vez manifestou seu espanto: por que não internavam Toggenburg num manicômio junto com todos os trovadores e menestréis? “Se uma mulher lhe agrada”, dizia ele, “tente tirar algum proveito; se não for possível, bem, não importa, dê as costas para ela e pé na estrada: o mundo é grande.” (TURGUÊNIEV, 2019, p. 137)

Mas o amor sempre encontra uma maneira de se impregnar em um corpo saudável. As “raízes” se manifestavam em seu interior, Bazárov lutava contra o que sentia, pois o amor ia contra tudo o que rejeitava, esnobava e queria manter longe.

Seu sangue fervia só de pensar nela; poderia facilmente dominar seu sangue, porém uma outra coisa criava raízes dentro dele, algo que ele não admitia de maneira alguma, algo de que sempre zombava, algo que punha todo o seu orgulho em pé de guerra. Nas conversas com Anna Serguêievna, Bazárov manifestava, ainda mais do que antes, seu inabalável desprezo por todo e qualquer romantismo; quando sozinho, porém, indignava-se ao reconhecer um romântico em si mesmo. (TURGUÊNIEV, 2019, p. 137)

A indignação entrava em conflito com as imagens carinhosas que invadiam sua mente em momento de ócio. A solidão, que antes passava despercebida, trazia o barulho de todos os pensamentos que ele insistia em desprezar. E se fizesse que nem Hamlet? “dormir; dormir, talvez sonhar”.

Então seguia para a floresta e caminhava a passos largos, quebrando ramos caídos e praguejando a meia-voz, contra ela e contra si mesmo; ou metia-se num palheiro, num galpão e, mantendo os olhos obstinadamente fechados, obrigava-se a dormir, o que, é claro, nem sempre conseguia. De repente lhe vinha a impressão de que aquelas mãos castas algum dia haveriam de se enlaçar ao redor do seu pescoço, que aqueles lábios orgulhosos responderiam ao seu beijo, que aqueles olhos inteligentes, cheios de ternura — sim, de ternura —, pousariam atentos nos seus olhos, e a cabeça de Bazárov se punha a rodar e por um instante ele perdia o controle de si mesmo, até que a

indignação mais uma vez se inflamava dentro dele. (TURGUÊNIEV, 2019, p. 137 e 138)

A psique de Bazárov tornara-se sua inimiga. Cada pensamento novo o surpreendeu negativamente, uma espécie de vergonha invadia seu ser e ele acabava ameaçando a si mesmo com os punhos cerrados. Por vezes, é mais fácil procurar significação em coisas sobrenaturais do que assumir a nossa miserável posição. Poderíamos considerar que um tipo de demônio o atormentava, se esse demônio for ele mesmo.

Chegado o momento da partida, Bazárov diz à Odintsova que não valia a pena sentir saudades das pessoas, muito menos dele. A modéstia e autoflagelação se manifestam quando ele assume ser um homem objetivo, mas “desinteressante” e que “não sabe falar”. Apesar de Anna demonstrar interesse em saber mais sobre ele, Bazárov diz que só tratou de assuntos úteis com ela,

Anna Serguêievna se mostra simplória diante de Bazárov (ainda que ele não tenha percebido), ela era uma pessoa que sofria pelas mesmas causas que diversas outras ao redor do mundo. Faltava-lhe uma aspiração e sua essência era consumida pelo vazio característico de quem tem uma existência mediana e morna.

Sou infeliz porque... porque não tenho vontade, gana de viver. O senhor me observa com desconfiança e pensa: assim fala uma “aristocrata”, toda coberta de rendas, sentada numa poltrona de veludo. Não me esquivo: amo isto que o senhor chama de conforto e, ao mesmo tempo, sinto pouca vontade de viver. Concilie essa contradição como bem entender. Ademais, para o senhor, tudo isso não passa de romantismo. Pág. 144

Odintsova repreende Barázov por não confiar nela, mas Bazárov insiste que não poderia compartilhar muitas informações. “Tudo isso é ótimo, Anna Serguêievna, mas a senhora queira me perdoar... não estou absolutamente acostumado a expressar meus sentimentos e entre nós existe uma distância tão grande...” (TURGUÊNIEV, 2019, p. 151).

Cedendo às insistências da mulher que amava, Bazárov pronuncia em voz alta o que sente. Sua confissão é humilhante e apesar de imaginar que ela não sentia o mesmo, toda aquela situação fazia o nosso niilista parecer apenas mais um apaixonado. Como outro qualquer, igualmente tolo, mas lúcido.

Então saiba que eu a amo, de um modo estúpido, louco... Aí está o que a senhora arranjou. Odintsova estendeu as mãos para a frente e Bazárov apoiou a testa contra o vidro da janela. Ele arquejava; todo o seu corpo parecia tremer. Mas não era o tremor da timidez juvenil, não era o doce pavor da primeira confissão que se apoderava dele: era a paixão que se debatia em seu íntimo, uma paixão forte, penosa, semelhante ao ódio e, talvez, aparentada a ele... Odintsova sentiu pena e medo de Bazárov. (TURGUÊNIEV, 2019, p. 152)

Quando se oferece afeto e amor, mas em troca se recebe pena e medo, não há muito o que fazer. Bazárov decide partir dali imediatamente, recolhendo o desprezo e a indignação de ter sido rejeitado abertamente, de ter cedido a instintos que ele nem acreditava, mas que haviam se apoderado de seu ser e de sua mente, Apesar das investidas e perguntas de Arkadi, bazarov está firme em sua decisão, sabe que não é empregado dela, era apenas empregado do sentimento que o assolava.

De sua conversa com Anna Serguéievna até o dia de ir embora, a feição de Bazárov se transformou completamente. “Na noite anterior, ele não dormira, não havia fumado e já fazia alguns dias que quase não comia. O seu perfil emagrecido ressaltava, soturno e ríspido, sob o quepe enterrado na cabeça” (TURGUÊNIEV, 2019, p. 160). A angústia em que se afundava Bazarov começou a interferir até mesmo em sua relação de amizade com Árkadi, seu discurso passa a ser mais defensivo e ele decide julgar o comportamento alheio para afastar-se um pouco do próprio tormento. “Que diabo, quanto absurdo! Todo homem vive pendurado por um fiozinho, a qualquer momento pode abrir-se um abismo embaixo dos seus pés e ele, ainda assim, trata de inventar todo tipo de coisa desagradável para si mesmo, estraga sua própria vida” (TURGUÊNIEV, 2019, p. 161).

Sem revelar ao amigo a verdadeira razão de sua cólera, Bazárov condena fortemente o romantismo. Niilismo e romantismo são distintos, um anula o outro. Quem acredita no amor, acredita em tudo, ferindo as obrigações do niilista de não crer em nenhum conceito, muito menos um platonicamente idealizado.

— Se você não me compreende absolutamente, então acrescentarei o seguinte: para mim, é melhor quebrar pedras na calçada do que permitir que uma mulher domine sequer a pontinha do meu dedo. Tudo isso é... — Bazárov por pouco não pronunciou a sua palavra favorita, “romantismo”, mas conteve-se e falou: — ... absurdo. Você agora não acredita em mim mas lhe digo uma coisa: nós dois caímos no meio de uma sociedade feminina, e gostamos; mas abandonar essa sociedade é o mesmo que, num dia de calor, tomar um banho de água fria. Um homem nunca deveria se ocupar com essas bobagens; o homem deve ser feroz, diz um ótimo ditado espanhol. (TURGUÊNIEV, 2019, p. 161 e 162)

Segundo Bazárov, seus pais viviam em uma insignificância ímpar. Não se importavam com a própria inutilidade, enquanto ele, tinha que viver consciente de sua existência, se martirizando diariamente pelo enfado e raiva que sentia. Com o pouco bom humor que lhe restava, Evguiêni satiriza sua situação ao observar uma formiga que enfrentava um desafio cotidiano.

Ah! Olhe essa brava formiga que arrasta uma mosca moribunda. Vamos, meu irmão,

força! Não dê atenção se a mosca resistir, aproveite que você, na condição de animal, tem o direito de ignorar qualquer sentimento de compaixão, ao contrário deste nosso irmão aqui, que se autodestruíu!” (TURGUÊNIEV, 2019, p. 183)

Evguiêni se orgulhava de não ter destruído a si mesmo. Estava em pedaços, era fato, mas não deixaria uma mulher levar-lhe à ruína. Por isso, estava disposto a não falar mais sobre aquele assunto, enterrando assim o seu sentimento e amargura. O ânimo de Bazarov estava melancólico, o próprio Árkadi já havia notado. “É mesmo? Talvez o sol tenha me amolecido, e também não posso comer muitas framboesas.” O sol, o mesmo que inspirou Meursault a matar o árabe, no *Estrangeiro* de Albert Camus, também era responsável por debilitar Bazarov.

Bazarov era o antirromântico que desprezava e negava os princípios, acreditando apenas nas sensações. Em confissão a Fedóssia Nikoláievna, Bazarov mal diz sua juventude. “Então julgue a senhora mesma, Fedóssia Nikoláievna, que vantagem me traz a minha juventude? Vivo sozinho, sem ninguém...” (TURGUÊNIEV, 2019, p. 207) Aos poucos ele ia sendo consumido pelo amor, mesmo que não percebesse. Em determinado momento ele só precisava de pena, a mesma pena que já fora oferecida por Anna em sua última conversa. “Se ao menos alguém tivesse pena de mim” (TURGUÊNIEV, 2019, p. 208).

Um evento cômico marca a trama. Pável Petróvitch procura resolver as pendências que tinha com Bazarov (pendências que ele mesmo havia inventado). “Para o meu gosto, aqui não há lugar para o senhor; não consigo suportá-lo, sinto desprezo pelo senhor, e se isso não for o bastante...” (TURGUÊNIEV, 2019, p. 213). Pável não suportava a ideia de existir alguém que não pensasse como ele, que não fosse capaz de admirá-lo e de reconhecer o seu valor, por isso, apenas um duelo poderia resolver aquela situação. Apenas um poderia viver, e com o sobrevivente, sobreviveria a razão.

O desfecho do duelo é muito humilhante para Pável, que ao cair ferido, ainda é ajudado e fica aos cuidados do médico niilista a quem havia desafiado. Apesar de não ter morrido, aquela derrota vergonhosa significou um fim para ele. A situação é tão forçosa e ridícula que incentiva Bazarov a ir visitar os pais. “Sim, irmão — disse ele —, eis no que dá passar uma temporada com senhores feudais. A gente também acaba virando senhor feudal e participa de torneios dos tempos da cavalaria” (TURGUÊNIEV, 2019, p. 241).

O momento em que Árkadi e Bazarov se despedem é marcado pela frieza de Evguiêni ao admitir que estavam cansados da presença um do outro, o que representava um processo natural. “Meu anjo, isso não é nenhuma desgraça; a gente se farta de muita coisa neste mundo! E agora, me parece, não é melhor nos despedirmos? Desde que cheguei aqui, me sinto enjoado” (TURGUÊNIEV, 2019, p. 242).

Em uma conversa com Anna Serguêievna, Evguiêni se enfurece quando ela o chama de

bom. Aquelas palavras eram tão nulas, como se ela estivesse desferindo golpes em um cão morto no meio da rua. “Em primeiro lugar, não sou bom, de maneira alguma; em segundo lugar, só depois que perdi toda a importância para a senhora, me diz que sou um homem bom... É o mesmo que depositar uma coroa de flores na cabeça de um defunto.” (TURGUÊNIEV, 2019, p. 250).

Odintsova só podia dar o que Bazárov não estava disposto a aceitar. Com um sorriso amargo e rosto pálido, ela lhe estende a mão como gesto de simpatia. Pensava naquele homem com pena. Como se ouvisse os seus pensamentos, Bazárov recusa o pouco que estava recebendo. “— Não! — respondeu, e recuou um passo. — Sou um homem pobre, mas até hoje não aceitei esmolas. Adeus, e passe bem” (TURGUÊNIEV, 2019, p. 253).

Árkadi decide casar-se com Katierina Serguêievna, irmã de Anna Serguêievna. Árkadi não consegue romper o ciclo, e mesmo com suas diferenças, acabam escolhendo a vida do pai e do tio, escolhendo o amor e abandonando o niilismo. Bazarov recebeu a notícia com muita tranquilidade, para ele, Árkadi procedeu de modo inteligente, pois não havia sido feito para aquela vida amarga, áspera e solitária. Apesar de elogiar a atitude de Arkadi, Bazarov faz duras críticas ao amigo que agora se despedia para sempre.

Não tem audácia, nem fúria, mas a coragem dos jovens e o entusiasmo dos jovens; para os nossos fins, isso não serve. Fidalgos como você não conseguem ir além de uma nobre resignação ou de um nobre fervor, mas isso não adianta. Vocês, por exemplo, não brigam, e ainda se julgam valentes, enquanto nós queremos brigar. Ora, bolas! Nossa poeira vai corroer os seus olhos, nossa sujeira vai emporcalhar você todo, e você não terá chegado nem perto de nós, você involuntariamente se encanta consigo mesmo, tem prazer em acusar os próprios defeitos; e para nós isso é maçante, ora, vamos lá, nos ofereçam outros adversários! Precisamos de uma outra gente para fazermos em pedaços! Você é um bom sujeito; mesmo assim não passa de um fidalgozinho liberal e frouxo... e volatu, como diz o meu pai. (TURGUÊNIEV, 2019, p. 254)

Bazárov morreu cedo. Pouco tempo depois de chegar à casa dos pais, cortou-se durante uma autópsia em um homem tifoso. Nenhum médico lhe deu esperanças, ele iria morrer logo. Numa tentativa de acalantar os pais, ele pede que eles busquem força na religião que tanto acreditava. Seus últimos momentos são marcados pela imagem de cães vermelhos que corriam à sua volta, bem como uma sensação de embriaguez.

Antes de partir, recebeu uma visita regada de muita pena e misericórdia. Odintsova lhe agradeceu novamente com a sua presença repleta de pena. Até em seu leito de morte ele não teve paz. Mas longe de se importar com isso, ele reconhece que o amor que sentia estava se desfazendo na velocidade em que ele falecia. “O amor é uma forma e a minha forma própria já está se desagregando. É melhor eu dizer... como a senhora é encantadora! E agora está aqui, tão bonita...” (TURGUÊNIEV, 2019, p. 273).



Por fim, Bazárov não exige nenhuma jura ou demonstração de afeto. Ela estava ali, ele a tinha visto e isso bastava. Aceitava ainda que ela o fosse esquecer, como se fosse o mais racional a se fazer. A senhora vai me esquecer. Um defunto não é companhia para um vivo (TURGUÊNIEV, 2019, p. 273). Nosso niilista foi o herói da própria história e ninguém pode dizer que se deixou morrer pelo amor (ou pela falta dele).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O amor não pode ser definido em um conceito vago de bom ou mau. Aquele que diz que conseguiu decifrá-lo está equivocado. Ninguém está imune a flecha ingrata do cupido. Um romance pode obter sucesso e converter-se em um casal de idosos que ama o simples som do outro indivíduo, lembrando sempre que ali não há solidão. Às vezes, aceitamos menos por medo do nada, como se o vazio estivesse sempre à espreita.

Por outro lado, uma boa parte da população está destinada ao fracasso amoroso. Esse fracasso se manifesta das mais diversas formas: o sexo casual para suprir o mínimo de intimidade que necessitamos, o relacionamento com alguém incompatível que está fadado ao fracasso antes mesmo de começar e até nos amores que não são correspondidos. Quem disse que não se pode amar sozinho? Ao menos sejamos íntegros em não aceitar migalhas de afeto como forma de recompensa por tanto sofrimento. Bazárov demonstra o que para muitos pode ser óbvio, mas para outros nem tanto. Não é justo, e chega a ser imoral, rastejar-se aos pés de alguém, por mais “incrível” que essa pessoa pareça. Tal adoração não vale a metamorfose de homem ao verme.

Independente do que seja o amor, da maneira que ele age e se manifesta, cabe ao acometido buscar a sua cura e assim, livrar-se desse mal. Uma mente enfraquecida vale mais que um “coração partido”. Como um parasita faminto, a paixão ocupa todos os pensamentos que poderiam ser úteis, destrói o indivíduo e sua individualidade em pouco tempo.

A dualidade presente em *Pais e Filhos* ultrapassa as gerações. O amor sempre estará entrelaçado com outra grande ideia, e pode até mesmo, tentar aniquilá-la. Por mais forte que o niilismo possa ser, não existem forças que possam lutar em igualdade de condições com o amor. Um serial killer íntegro que sempre estará isento de seus atos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMON, Théo. *Apologia de um louco*. *Revista de Literatura e Cultura Russa*, São Paulo, v. 11, n. 16, p. 341-358, set. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rus/issue/view/11626/1883>. Acesso em 26 jul. 2022.

BERLIN, Isaiah. “*Pais e Filhos – Turgueniev e a crítica situação liberal*”. In: *Pensadores Russos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, pp. 262-298.

BUSHKOVITCH, Paul. *Historia de Rusia*. Trad. Herminia Bevia Villalba. Madrid. Ediciones Akal, 2016.

CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Trad. Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Editora Best Seller, 2017.

DE CERVANTES, Miguel. *Dom Quixote*. Trad. Ernani Ssó. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Notas do subsolo*. Trad. Ruth Guimarães, Natália Nunes e Oscar Mendes. Nova Fronteira, 2018.

FRANK, J. *Pelo prisma russo: ensaios sobre literatura e cultura*. Trad. Paula Cox Rolim e Francisco Achcar. São Paulo: Edusp, 1992.

MOREIRA, C.; BONAFÉ, M. *Modus operandi: guia de true crime*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2022.

NABOKOV, Vladimir. *Lições de literatura russa*. Trad. Jorio Dauster. Fósforo, 2021.

NIETZSCHE, F. *Genealogia da Moral*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, F. *O anticristo: maldição ao cristianismo; Ditirambos de Dioniso*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

Phillips, D. (1974). *The influence of suggestion on suicide: Substantive and theoretical implications of the Werther effect*. *American Sociological Review*, 39, 340-354.

Phillips, D. (1985). *The Werther effect. Suicide and, other forms of violence, are contagious*. *The Sciences*, 7/8, 32-39.

SARTRE, Jean-Paul. *Entre quatro paredes*. Trad. Guilherme de Almeida. São Paulo: Abril Cultural, 1977.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do amor, metafísica da morte*. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes. 2000.

SEGRILLO, A. *Os russos*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SHAKESPEARE, William. *Romeu e Julieta*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Nova Fronteira, 1998.

TURGENEV, I. *Literary reminiscences and autobiographical fragments*. New York: Farrar, Straus and Cudahy. 1958.

TURGUÊNIEV, Ivan. *Pais e filhos*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

VOLPI, Franco. *O niilismo*. Trad. Aldo Vannuchi. São Paulo: Loyola, 1999.

VON GOETHE, Johann Wolfgang. *Os sofrimentos do jovem Werther*. Trad. Claudia Bornbusch. Rio de Janeiro: Antopofágica, 2015.